



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS INGLÊS**

**ALINE OLIVEIRA DO NASCIMENTO**

**MODOS DE TRANSGRESSÃO E DE SILENCIAMENTO FEMININO NA TV: UMA  
LEITURA DA PERSONAGEM LILY FRANKENSTEIN EM *PENNY DREADFUL*, DE  
JOHN LOGAN**

**GUARABIRA - PB  
2021**

ALINE OLIVEIRA DO NASCIMENTO

**MODOS DE TRANSGRESSÃO E DE SILENCIAMENTO FEMININO NA TV: UMA  
LEITURA DA PERSONAGEM LILY FRANKENSTEIN EM *PENNY DREADFUL*, DE  
JOHN LOGAN**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras Inglês.

**Área de concentração:** Literatura e Cinema

**Orientador:** Prof. Dr. Auricélio Soares Fernandes

**GUARABIRA - PB  
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N244m Nascimento, Aline Oliveira do.

Modos de transgressão e de silenciamento feminino na TV [manuscrito] : uma leitura da personagem Lily Frankenstein em Penny Dreadful, de John Logan / Aline Oliveira do Nascimento. - 2021.

49 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2021.

"Orientação : Prof. Dr. Auricélio Soares Fernandes , Departamento de Letras - CH."

1. Lily Frankenstein. 2. Penny dreadful. 3. Silenciamento. 4. Feminino transgressor. I. Título

21. ed. CDD 808.89

ALINE OLIVEIRA DO NASCIMENTO

**MODOS DE TRANSGRESSÃO E DE SILENCIAMENTO FEMININO NA TV: UMA  
LEITURA DA PERSONAGEM LILY FRANKENSTEIN EM *PENNY DREADFUL*, DE  
JOHN LOGAN**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Programa de Graduação em Letras da  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
Licenciado em Letras Inglês.

Área de concentração: Literatura e Cinema.

Aprovada em: 28 / 09 / 2021.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof. Dr. Auricélio Soares Fernandes (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Me. Giovane Alves de Souza (Avaliador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Me. Jenison A. dos Santos (Avaliador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## RESUMO

As adaptações cinematográficas e televisivas possibilitam a releitura e atualização de temáticas e questões sociais, econômicas e políticas de períodos distintos. Como exemplo disso citamos a série televisiva *Penny dreadful*, que dentre as suas inúmeras personagens femininas traz uma mulher subversiva que questiona a sua posição no período vitoriano, que deveria ser delicada, discreta e dedicada ao casamento. Sendo assim, esta pesquisa tem como objetivo analisar a representação do feminino transgressor através de Lily Frankenstein, traçando uma discussão sobre como o patriarcado reprime sua subversão por ela não se inserir no estereótipo da mulher do século XIX. Para realizarmos esse estudo, utilizamos uma metodologia com abordagem qualitativa, descritiva e interpretativa através de estudos bibliográficos. Como embasamento teórico recorreremos aos estudos de Elisa Seerig (2019), Lucas Gagliardi (2016), Stephanie Green (2017) e Mariana Sousa (2014) entre outros, que trazem concepções sobre o feminino na personagem analisada. Utilizamos estudos de Pierre Bourdieu (2012) e Michel Foucault (1988) sobre a dominação masculina e questões acerca da sexualidade e Gayatri Spivak (2010) para abordar a questão da subalternidade. Por fim, estudos de Juliana Schmitt (2010) sobre vestuário e normas sociais no período vitoriano foram utilizados como parte da análise da *mise-en-scène* no seriado. Através deste estudo pretendeu-se discorrer sobre como a personagem Lily Frankenstein resiste às tentativas de silenciamento e reafirma a sua autonomia feminina.

**Palavras-Chave:** Lily Frankenstein. *Penny dreadful*. Silenciamento. Feminino transgressor.

## ABSTRACT

The cinematographic adaptations enables the spectator to reread themes that relate to different periods, such as *Penny dreadful* television series, which features a subversive character who questions the position of women in the Victorian period, who should be delicate, discreet, and dedicated to marriage. Thus, this research aims to analyze the representation of the feminine transgressor of the character Lily Frankenstein, outlining a discussion on how the patriarchy represses her subversive manners because she does not fit into the stereotype of the nineteenth-century woman. To carry out this study, we used a qualitative, descriptive, and interpretive approach through bibliographic and audiovisual studies of the studied topic. As a theoretical framework, we resorted to studies by Elisa Seerig (2019), Lucas Gagliardi (2016), Stephanie Green (2017) and Mariana Sousa (2014), among others, who bring conceptions about the feminine in the analyzed character. We also used studies by Pierre Bourdieu (2012) and Michel Foucault (1988) about male domination and sexualities, as well as Gayatri Spivak (2010) to address the matter of subordination. Finally, studies by Juliana Schmitt (2010) on clothing and social norms in the Victorian period were used as part of the analysis of the *mise-en-scène* in the series. With this study, we intended to discuss how the character Lily Frankenstein resists attempts at silencing and reaffirms her female autonomy.

**Keywords:** Lily Frankenstein. *Penny dreadful*. Silencing. Feminine transgressor.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> – Victor esbarra em um manequim.....	36
<b>Figura 2</b> – Lily visita a lápide de Sarah Croft.....	37
<b>Figura 3</b> – Lily aguarda Victor ajustar o seu vestido.....	37
<b>Figura 4</b> – Lily asfixia um homem durante o sexo.....	38
<b>Figura 5</b> – Lily retira uma carta empilhada.....	39
<b>Figura 6</b> – As várias faces de Lily.....	39
<b>Figura 7</b> – Lily é inferiorizada por Dr. Jekyll, Victor e Dorian.....	40
<b>Figura 8</b> – Victor segura uma seringa próxima ao seu órgão sexual.....	42

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>2 SOBRE A CULTURA DOS SERIADOS.....</b>	<b>9</b>
2.1 Lily no seriado televisivo <i>Penny dreadful</i> .....	12
<b>3 SEXUALIDADE E SUBALTERNIDADE DE LILY .....</b>	<b>15</b>
3.1 Lily e o feminino transgressor/monstruoso .....	17
3.2 “Feminismo” de Lily .....	19
<b>4 TENTATIVAS DE SILENCIAMENTO E CONTROLE .....</b>	<b>24</b>
4.1 Lily e a transgressão.....	28
4.2 Entre Lily e Lilith.....	33
<b>5 MISE-EN-SCÈNE E PRODUÇÃO DE SENTIDOS .....</b>	<b>37</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>44</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>45</b>

## 1 INTRODUÇÃO

As adaptações audiovisuais têm se tornado um meio de propagação de obras literárias e intermediáticas. Nesse sentido, o telespectador tem acesso a conteúdos antes restritos a livros, jornais, jogos e outras mídias distintas. E através desse processo é possível encontrar o mesmo conteúdo base ramificado em outras mídias, como acontece com *O Conto da Aia*, que está disponível em livros, *graphic novel* e seriado de televisão, assim como *The Witcher*, originalmente uma série literária, mas hoje está distribuída em jogos e também em forma de seriado em *streaming*, na Netflix. Assim, as mais diversas formas de adaptação também abrem a possibilidade de releitura dos textos-fonte dos quais elas se originaram, trazendo, por exemplo, personagens novos ou até mesmo inserindo outros em contextos diferentes do original.

Nesse quesito a série televisiva *Penny dreadful*, criada por John Logan, se destaca por sua intertextualidade literária explícita e referências culturais e sociais do século XIX. Tendo foco na Londres vitoriana, em que são inseridos personagens conhecidos da literatura, como Dorian Gray do romance *O retrato de Dorian Gray* (1890), de Oscar Wilde, e Victor Frankenstein e sua Criatura, do romance *Frankenstein; ou, O Prometeu moderno* de Mary Shelley.

Porém, John Logan vai além do romance de Mary Shelley e dá vida à companheira da Criatura, que é citada no romance, mas que nunca foi criada por causa do medo e da incerteza de Victor sobre quais seriam as escolhas da sua nova criatura. Será que ela aceitaria ser a esposa da sua primeira criação? Ou teria pensamentos independentes que a levariam a decidir o seu próprio rumo? No romance esses questionamentos não são respondidos, mas em *Penny dreadful* somos introduzidos à personagem Lily Frankenstein, que reflete os medos de Victor no romance. Lily é uma personagem empoderada que procura dar voz às mulheres, principalmente às rejeitadas pela sociedade vitoriana, além de lutar contra o sistema patriarcal que tenta silenciá-la.

A partir dessa pesquisa, pretendemos traçar algumas discussões acerca das razões pelas quais os homens não aceitam a ideologia de Lily e tentam oprimi-la. Para isso, partimos da análise da representação do feminino monstruoso e transgressor apresentada pela personagem no seriado televisivo *Penny dreadful*, com foco nos episódios T02EP04, T02EP08 e T03EP07, além da discussão sobre como os homens tentam silenciar Lily e como a mulher era representada no contexto vitoriano inglês na segunda metade do século XIX. Traçamos também

reflexões sobre os movimentos de reivindicações femininas para o período, tendo como foco as Sufragistas e, por fim, a análise de como a personagem é retratada na série através da *mise-en-scène*.

No chamado regime vitoriano, a sociedade patriarcal e conservadora excluía as mulheres de ter uma participação ativa na sociedade do século XIX, sendo elas destinadas ao casamento e ao cuidado da família. Essas mulheres eram conhecidas como “anjo do lar” na qual “a mulher [é] representada pela pureza angelical, delicada, frágil, assexuada que antes era tutelada ao pai agora é pelo marido, esta é a representação da mulher vitoriana, *o anjo do lar*, aquela que foi criada para ser submissa ao homem e à sociedade conservadora” (TATIANA SOUZA e SUEDER SOUZA, 2018, p. 136). Logo, as mulheres que não se encaixavam nesses requisitos seriam excluídas e rebaixadas. Assim como acontece com Lily Frankenstein, que é rodeada por homens que acreditam que ela está doente e que precisa de tratamento para voltar ao “normal”.

Devido às inúmeras tentativas de silenciamento por parte dos homens com quem Lily conviveu, o abuso e a violência de quando era prostituta e o luto por ter perdido a sua filha quando ainda era um bebê por causa do seu trabalho na prostituição, Lily, ao conquistar o seu empoderamento, apresenta um pensamento não convencional que não busca a igualdade de gênero, mas a inserção da figura feminina como ser superior aos homens. Nesse ponto de vista, ela se distancia da política de igualdade dos gêneros propostas pelo feminismo.

Como fundamentação teórica utilizamos os estudos de Elisa Seerig (2019), que traz concepções sobre o feminino e algumas perspectivas feministas. Utilizamos também como base o livro *Reivindicação dos direitos das mulheres*, de Mary Wollstonecraft, que se destaca por ser considerado um dos primeiros estudos feministas, publicado no final do século XVIII. Ainda, recorreremos aos estudos de Juliana Schmitt (2010) sobre vestuário e normas sociais no período vitoriano. Estudos sobre a representação do feminino são discutidos a partir de Lucas Gagliardi (2016), Stephanie Green (2017) e Mariana Sousa (2014). Utilizamos também os estudos de Pierre Bourdieu (2012) e Michel Foucault (1988) sobre sexualidade, assim como Gayatri Spivak (2010) para discutir questões acerca da concepção de subalternidade. Com relação ao feminino monstruoso e transgressor de Lily, recorreremos às discussões de Julio Jeha (2007) e Julia Kristeva (1982), entre outros. Partindo para o estudo do audiovisual, tomamos como base os estudos de Arlindo Machado (2000), François Jost (2012) Umberto Eco (1989) e David Bordwell e Kristin Thompson (2013).

Este estudo apresenta uma abordagem de pesquisa qualitativa que consiste no estudo do “universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a

um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2001 *apud* SILVEIRA e CÓRDOVA, 2009, p. 32). Nesse sentido, também é de natureza básica que “objetiva gerar conhecimentos novos [...] sem aplicação prática prevista” (SILVEIRA e CÓRDOVA, 2009, p. 34).

Para alcançarmos os nossos objetivos, também recorreremos à pesquisa descritiva que de acordo com Antonio C. Gil (2002), é fundamentado na “descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis” (p. 45). Além da pesquisa bibliográfica que “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (p. 44). Sendo assim, buscamos descrever e interpretar o objeto de estudo através desses dois métodos de pesquisa citados.

A análise foi dividida em duas etapas: a primeira consistiu na leitura e fichamento de referencial bibliográfico sobre a representação da personagem Lily Frankenstein no seriado televisivo *Penny dreadful*, o patriarcado no século XIX e concepções sobre o feminino nesse período, a segunda etapa consistiu na escolha e análise de três episódios da segunda e terceira temporada da série *Penny dreadful*, sendo especificamente os T02EP04, T02EP08 e T03EP07, que exploram o desenvolvimento da personagem Lily e que são o foco da análise de alguns aspectos da *mise-en-scène* no seriado que a envolvem.

Discorreremos sobre as formas de silenciamento e opressão patriarcais sofridas pela personagem Lily Frankenstein no contexto social do século XIX e como essa, apesar das restrições que lhe são impostas, procura se destacar e reafirmar a sua autonomia. Além da análise da *mise-en-scène* do seriado, tendo como foco a utilização do *flashforward* na narrativa, o ângulo da câmera, as metáforas visuais e as vestimentas da personagem.

## 2 SOBRE A CULTURA DOS SERIADOS

As publicações seriadas se originaram no período vitoriano através da publicação de folhetins que expandiam a divulgação dos romances no período e incentivava a “ramifica[ção] em subgêneros que disseminavam histórias sobre crimes, horror e escândalos” (SALLES, 2015, p. 19). Esses folhetins se popularizaram entre as classes trabalhadoras por causa do fácil acesso e por ser de baixo custo. Entre os subgêneros podemos citar o “*penny blood*, [que surgiu] sob a forma de narrativas serializadas em periódicos semanais ou mensais publicados nas décadas de 1830 e 1840” (SALLES, 2015, p. 19) que posteriormente ficaram conhecidos como *Penny dreadfuls*, trazendo a referência ao “Penny” que era o valor do folhetim e da ficção sangrenta encontrada na narrativa.

De forma semelhante, percebe-se que esta relação de publicação semanal ou mensal também é ainda comum na contemporaneidade através de séries que são transmitidas na televisão e em serviços de *streaming*, como acontece em *Penny dreadful* e *O Conto da Aia*. Atualmente, podemos encontrar plataformas de *streaming* (como a Netflix) que trazem uma nova abordagem para os seriados e geralmente dispõem todos os episódios simultaneamente, transpondo com a expectativa do telespectador com relação ao desenrolar dos próximos episódios e futuras temporadas, caso as séries sejam renovadas.

Sobre as características do surgimento das narrativas seriadas, Umberto Eco (1989) ressalta que os seriados de televisão receberam este nome por estarem apresentados “em série”, ou seja, apresentam uma ordem de apresentação através dos episódios. Eco (1989) faz uma analogia à produção de carros em uma fábrica que seguem um modelo padronizado. Logo, os seriados tendiam a ser interpretados como produtos para o meio de comunicação em massa e, conseqüentemente, de baixa qualidade. O autor também salienta que os seriados de TV tendem a apresentar personagens principais que se relacionam com personagens secundários ao longo da narrativa, estes personagens são dispostos em situações que transmitem a ideia de renovação. Assim,

[a] série consola o leitor porque premia a sua capacidade de prever; ele fica feliz porque se descobre capaz de adivinhar o que acontecerá, e porque saboreia o retorno do esperado. Satisfazemo-nos porque encontramos o que esperávamos, mas não atribuímos este "encontro" à estrutura da narrativa, e sim à nossa astúcia divinatória (ECO, 1989, p. 124).

Para Eco, a série televisiva é responsável por chamar a atenção do telespectador com ferramentas pré-determinadas que passam a impressão de uma nova narrativa, mas que na

verdade seguem uma estrutura semelhante à das outras narrativas já conhecidas pelo telespectador.

Por outro lado, Arlindo Machado (2000) discorre sobre os seriados como narrativas flexíveis que podem estar dispostas em diferentes formatos, sendo a serialidade uma “apresentação descontínua e fragmentada do sintagma televisual” (p. 83). Machado (2000) também destaca que a produção de modo seriado permite uma maior inserção comercial da narrativa, na qual é possível integrar os mesmos atores em narrativas diferentes, mas que se assemelham em sua estrutura, estes episódios podem ser distribuídos diária, semanal ou mensalmente.

Entretanto, muitas vezes, esta relação comercial das séries pode provocar a perda da qualidade através de narrativas repetitivas que focam apenas no lucro por meio de diversas temporadas, mas que negligenciam os seus desenvolvimentos e dá ênfase no aproveitamento da linguagem estética do cinema, como fotografia, ironia, elipses e diálogos. Essa concepção influencia na visão negativa de que as séries televisivas apenas focam no lucro e precarizam a qualidade narrativa e da linguagem cinematográfica, passando uma ideia de que as series seriam rasas e com pouca qualidade. Entretanto, com o avanço dos estudos percebe-se que os seriados estão apresentando narrativas mais complexas e com maior desenvolvimento dos personagens, trazendo exposições que não se prendem na divisão convencional em episódios ou temporadas que estão interligados entre si — a exemplo de *American Horror Story*, que apresenta diferentes narrativas em cada temporada.

Outra característica das séries de televisão destacada por Machado (2000) é a inserção dos *breaks*<sup>1</sup> durante a transmissão do episódio que, apesar de ter um intuito comercial, também serve para que o telespectador tenha um tempo para absorver todas as informações da narrativa exposta. O *break* também permite que o diretor explore momentos de *cliffhanger*<sup>2</sup>, que se caracterizam por estimular a curiosidade e aflição dos telespectadores sobre determinada situação que só será concluída no próximo episódio.

Trazendo uma visão mais atual, François Jost (2012) destaca que as séries estão cada vez mais ganhando espaço no meio televisivo e no espaço acadêmico. O autor defende que as séries são populares por conta da sua relação direta com o telespectador, traçando uma relação

---

<sup>1</sup> Pausa (intervalo) entre um episódio ou capítulo da narrativa para a inserção dos comerciais ou de chamadas para outros programas. (MACHADO, 2000)

<sup>2</sup> “Elemento serial que suspende a narrativa em um determinado ponto para que noutra episódio o leitor ou espectador a acompanhe do ponto de onde essa cessou.” (FERNANDES, 2020, p. 97)

de imersão entre o sujeito e a atualidade, na qual “as ficções são mais ou menos repousantes dependendo da relação que estabelecem com o mundo e conosco” (p. 27).

Partindo desta perspectiva, Jost (2012) defende que os seriados televisivos atualizam as narrativas com temas relevantes para o cotidiano. Isso ocorre com *Penny dreadful*, que remodela a representação do feminino na Era vitoriana através da inserção de personagens femininas que apresentam papéis de destaque, com enredos complexos que envolvem os seus desejos e que não estão ligados diretamente à busca por matrimônio ou dependência masculina. Muitas dessas mulheres são emancipadas e livres para tomar as suas decisões e arcar com as consequências.

Assim, percebe-se que o feminino retratado em *Penny dreadful* atualiza a abordagem da mulher no cinema tradicional, que para Nicole Machado (2018)

dialoga com o padrão de mulher vitoriana. As personagens femininas ali estão comumente relacionadas – e dependentes, submissas – a um personagem masculino, seja necessitando de sua proteção, no caso das frágeis donzelas, seja servindo de objeto erótico da sua imaginação e desejo (p. 05).

Ainda, Machado (2018) afirma que “a representação da mulher está atrelada a valores seculares de opressão e desigualdade” (p. 05). E que desta maneira “o resultado disso para as narrativas cinematográficas tradicionais e dominantes é que a mulher funciona como objeto erótico para protagonistas e espectadores masculinos [...], enquanto o homem é ativo na trama e possui o controle da história” (MACHADO, 2018, p. 05).

Podemos citar dois exemplos (sem focar ainda em Lily Frankenstein) de personagens femininas em *Penny dreadful* que têm o controle de suas vidas. A primeira delas é Vanessa Ives, que está presente em toda a narrativa. Durante as três temporadas ela apresenta uma forte ligação com forças sobrenaturais, se envolve com bruxaria, se entrega aos seus desejos sexuais e se destaca pela criticidade e conhecimentos literários. A segunda personagem é Catriona Hartdegen, que aparece na terceira temporada com cabelo curto e ruivo. Além de ser praticante de esgrima, ao longo de sua narrativa derrota muitos homens e os deixam consternados. Tais características que por si só já a separam do esperado para o feminino vitoriano, mas além disso ela defende a independência feminina e se destaca nos seus estudos sobre o sobrenatural.

Entretanto, o seriado apresenta um fundo moral com relação às mulheres do seu enredo. De modo geral, elas acabam sendo punidas de alguma forma como consequência do seu comportamento. Vanessa Ives, por exemplo, toda vez que se relaciona sexualmente acaba sendo susceptível a possessões, trazendo uma ideia de que as mulheres são fracas e que não devem se entregar aos seus desejos sexuais. Como “punição final” quando se entrega ao Drácula, ela traz

consigo escuridão e maldade para o mundo e, como desfecho, é morta por Ethan Chandler. A própria Lily Frankenstein também é punida; no final de sua narrativa ela é traída, silenciada e condenada à solidão (tanto amorosamente quanto por suas companheiras).

Em algumas narrativas adaptadas para a televisão, as mulheres tendem a ser representadas como aquelas que pretendem ser salvas pela figura masculina. Isto pode ser percebido em animações sobre princesas que trazem, em sua maioria, a mulher como vítima e o homem como salvador.

## **2.1 Lily no seriado televisivo *Penny dreadful***

Antes de ser Lily Frankenstein, a personagem era conhecida como Brona Croft, uma prostituta irlandesa que fugiu da sua terra natal para a Inglaterra em busca de melhores condições de vida. Brona Croft sofria de tuberculose (uma doença comum para a época em decorrência do avanço das indústrias e a constante inalação de fumaça), que foi piorando com o avanço da primeira temporada. Após sua morte provocada pela doença e acelerada por Victor Frankenstein através de asfixia, Victor se apodera do corpo de Brona para produzir sua nova criatura: Lily Frankenstein.

No T02EP02 Lily apresenta-se como uma mulher sem vontade própria e submissa aos desejos de Victor Frankenstein, que cuida das suas vestimentas, corta e pinta o seu cabelo, além de ser o seu tutor para as normas de convivência de como ela deveria se comportar em ambientes públicos. Victor também é responsável, inicialmente, por prepará-la para ser a companheira da sua primeira Criatura (adotaremos nesse relatório o nome John Clare<sup>3</sup>). Acostumados com essa primeira apresentação da personagem, Victor e John Clare tentam tomar as decisões por Lily, procurando controlar com quem ela poderia sair, a maneira de andar e falar, a hora que ela deveria chegar e até como ela deveria se vestir.

O corpo de Lily é tomado desde o momento de sua criação como objeto de desejo de John Clare. Os dois decidem dar vida à uma nova mulher a partir do corpo morto de Brona Croft com o intuito de fornecer uma companheira para John Clare, sem levar inicialmente em consideração a possibilidade de desejo pessoal da personagem.

Observa-se que o controle sobre Lily vem desde o seu nome atribuído por Victor Frankenstein que, segundo ele, representa a ressurreição e renascimento. Este nome se encaixa

---

<sup>3</sup> Esse nome foi adotado porque o personagem se autoneomeia John Clare no seriado televisivo por causa da sua identificação com o poeta romântico de mesmo nome.

perfeitamente à nova vida da personagem: ela rompe com a sua inocência inicial e renasce como uma mulher que tem consciência do seu poder físico e social.

No período vitoriano, época em que o seriado televisivo é apresentado, a sociedade seguia regras bem definidas, como abordado por Juliana Schmitt (2010): “como um tipo de moral vitoriana, um conjunto de valores baseados nos bons costumes, na seriedade, retidão de caráter e discrição” (p. 56). Além disso,

[n]o caso das mulheres, limitavam-se a elas as “capacidades restritas ao âmbito dos sentimentos: sensibilidade estética, solicitude, sabedoria materna, encantos sociais instintivos”. Convenientemente, dentro de um sistema patriarcal que confinava suas mulheres em casa, essa separação negava suas possibilidades de participação ativa e as mantinham distantes do direito do voto, do direito de frequentar uma instituição de aprendizado superior ou possuir conta bancária independente, da igualdade nos processos de divórcio e de outros direitos considerados privativos dos homens. (GAY, p. 68 *apud* SCHMITT, 2010, p. 57-58)

Desta forma, Lily está inserida em uma sociedade que tende a excluir e silenciar as mulheres de ter uma participação ativa nas decisões políticas e sociais. Sendo assim, Victor procura introduzir Lily nesse contexto social e não aceita quando ela toma decisões de forma individual, e não se importando com a sua opinião.

A personagem apresenta um passado traumático: quando ainda era prostituta, Lily sofreu com homens que não queriam pagar por seus serviços e batiam nela, sofreu humilhações e foi obrigada a aceitar diversas formas de opressão e julgamento para sobreviver. Brona mudou-se da Irlanda para Londres com o objetivo de melhorar de vida, porém foi afetada pelo desenvolvimento da II Revolução Industrial<sup>4</sup> e morreu por culpa da tuberculose. Na última temporada de *Penny Dreadful*, nos é relevado que Brona Croft perdeu uma filha por causa da indisponibilidade de ficar em casa para cuidar da criança, já que precisava sair às ruas em busca de seu sustento e sobrevivência.

Quando renasce como Lily Frankenstein, ela utiliza suas experiências negativas para se vingar dos homens e aproveita do seu poder sobrenatural para alcançar os seus objetivos. Ela é segregada ao monstruoso<sup>5</sup> por causa disso e prefere utilizar a violência para obter poder. Dessa forma, observamos que a representação do empoderamento feminino de Lily Frankenstein

<sup>4</sup> Nesse período ocorreu um grande desenvolvimento de inovações técnicas e de produção, com a presença de grandes indústrias e exploração de mão de obra. Por causa da fumaça e da poluição provenientes das indústrias, a expectativa de vida era muito baixa, sendo a tuberculose uma doença comum na época e que ficou conhecida como “peste branca” por causa da sua alta incidência.

<sup>5</sup> O monstruoso está relacionado com a representação do mal através da transgressão dos eixos estéticos e/ou morais, fazendo com que o monstro seja disposto como alicerce para o controle das regras sociais e para delimitar os limites entre o certo e o errado, logo a pessoa que desviar-se dessas regras é classificado como monstruoso. (JEHA, 2007)

ênfatiza como as adaptações televisivas seriadas podem reinventar e reinserir reflexões sobre o feminino e como tais questões se assemelham com questões contemporâneas, apesar de se passarem em séculos diferentes.

John Logan insere em *Penny dreadful* uma personagem que está no limite entre o humano e o monstruoso, assim como observado por Lucas Gagliardi (2016), que aponta que “a monstruosidade que elas mesmas reconhecem e aceitam como característica de suas identidades reúne tanto sua condição de mulheres quanto o fato de pertencerem à espécie humana e as escolhas que fazem sobre suas vidas como tal” (p. 46, tradução<sup>6</sup> nossa<sup>7</sup>). Logo, Lily é uma personagem complexa de ser definida e que nos apresenta importantes reflexões sobre como o poder e a participação de uma mulher consciente da sua subalternidade pode interferir na sociedade patriarcal.

---

<sup>6</sup> Tradução nossa, assim como as demais presentes nesse Trabalho de Conclusão de Curso.

<sup>7</sup> Original: La monstruosidad que ellas mismas reconocen y aceptan como rasgo de sus identidades reúne tanto su condición de mujeres como también el hecho de pertenecer a la especie humana y las elecciones que como tales ellas realizan sobre sus vidas.

### 3 SEXUALIDADE E SUBALTERNIDADE DE LILY

O arco narrativo dessa personagem envolve a constante dominação masculina e a sua relação com o silenciamento feminino. Para discutir essa premissa, utilizaremos teorias de Pierre Bourdieu (2012) no seu livro *Dominação Masculina*, que aborda questões sobre a divisão social baseada na estrutura física biológica que estabelece que os homens são mais fortes que as mulheres. O autor destaca que:

O corpo e seus movimentos, matrizes de universais que estão submetidos a um trabalho de construção social, não são nem completamente determinados em sua significação, sobretudo sexual, nem totalmente indeterminados, de modo que o simbolismo que lhes é atribuído é, ao mesmo tempo, convencional e "motivado", e assim percebido como quase natural (BOURDIEU, 2012, p. 20).

Logo, estamos acostumados a aceitar esse tipo de divisão e considerá-la como algo ‘normal’, algo que não é seguido por Lily, pois ela percebe a injustiça sofrida pelas mulheres e tenta mudar esta realidade.

Uma das ferramentas utilizadas pela personagem para lutar contra essa divisão social é a sua sexualidade, que também é destacado por Bourdieu (2012) como um ato de dominação:

[...] [E]m cima ou embaixo, ativo ou passivo, essas alternativas paralelas descrevem o ato sexual como uma relação de dominação. De modo geral, possuir sexualmente, [...] é dominar no sentido de submeter a seu poder, mas significa também enganar, abusar ou, como nós dizemos, "possuir" (ao passo que resistir à sedução é não se deixar enganar, não se deixar "possuir") (p. 29).

Neste caso, Lily utiliza do sexo para dominar Victor e assassinar um homem; ela manipula os homens através dos seus impulsos sexuais que conseqüentemente submetem-se à sua subversão.

Abordando sobre a sexualidade, no primeiro capítulo de *História da Sexualidade I*, Michel Foucault (1988) discorre que a sexualidade no período vitoriano está restrita ao ambiente familiar e que “em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõem-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo” (1988, p. 09). Desse modo, o sexo é reprimido e classificado como algo proibido de ser praticado fora do casamento.

Foucault (1988) salienta que a relação entre o sexo e as relações de poder é de repressão, na qual o ser humano está preso à concepção de que o sexo é proibido e que o simples fato de

falar sobre já é uma infração. Para o filósofo, a liberdade dessas normas só pode ser alcançada através da transgressão:

se a repressão foi, desde a época clássica, o modo fundamental de ligação entre poder, saber e sexualidade, só se pode liberar a um preço considerável: seria necessário nada menos que uma transgressão das leis, uma suspensão das interdições, uma irrupção da palavra, uma restituição do prazer ao real, e toda uma nova economia dos mecanismos do poder (1988, p. 11).

Neste caso, Lily, além de falar abertamente sobre sexo e sobre todas as relações de dominação que o envolvem, também o pratica com o objetivo de satisfação sexual sem estar conectada ao casamento; ou seja, ela se entrega aos seus desejos sexuais sem preocupação em estar subvertendo a imagem da “mulher perfeita” vitoriana. A relação entre sexo e poder também é utilizada por Lily em grande parte de sua narrativa, por conseguinte ela utiliza uma característica social opressora como uma ferramenta ao seu favor.

Além de silenciada, Lily se encontra em uma situação de subalternidade por ter o seu passado como prostituta quando ainda era Brona Croft e após o seu renascimento se transforma em um monstro imortal, na qual a sua voz não é levada a sério pela sociedade. Gayatri Spivak (2010), em seu estudo *Pode o subalterno falar?*, aborda as relações de subalternidade feminina e a dificuldade desses sujeitos de conseguirem uma oportunidade para expressar as suas opiniões e vivências. Spivak (2010) discorre sobre a representação do subalterno, que muitas vezes é feita por uma pessoa que não pretende representar as vontades do subalterno e apenas buscam benefício próprio, em que existem “dois sentidos do termo ‘representação’ são agrupados: a representação como ‘falar por’, como ocorre na política, e representação como ‘re-presentação’, como aparece na arte ou na filosofia” (p. 31). Segundo a autora, as mulheres são duplamente oprimidas, primeiro pela distribuição no mercado de trabalho e segundo pela dominação masculina na construção ideológica de gênero.

Nesse sentido, Lily Frankenstein consegue ser responsável por sua própria representação e tenta expressar a sua voz como forma de vingança contra o patriarcado; apesar das dificuldades, ela consegue ser ouvida pelas prostitutas que compartilham a sua segregação social. Nesse ponto de vista, Spivak (2010) destaca ainda que “os oprimidos, se tiverem a oportunidade [...], e por meio da solidariedade através de uma política de alianças [...], podem falar e conhecer suas condições” (p. 54).

Logo, Lily se reúne com essas mulheres e forma uma aliança com o intuito de unir suas forças contra os homens. Entretanto, após ser traída por Dorian Gray e Victor Frankenstein,

essa aliança não é suficiente para romper com as normas do patriarcado do período vitoriano e Lily termina a série sendo silenciada.

### 3.1 Lily e o feminino transgressor/monstruoso

Por não estar preocupada em seguir a ordem social convencional, Lily apresenta como resposta às pressões sociais uma nova versão feminina para o período, no qual se enquadra na definição da *new woman*, que:

[e]ra percebida por um setor da sociedade de seu tempo como uma força desestabilizadora da ordem aceita, seja por meio da ação política, da redefinição da ordem doméstica ou da política do corpo; os discursos em torno dessa figura a consideravam um desviante, quase como um monstro, regurgitando uma longa tradição de construções de alteridade nas mulheres (GAGLIARDI, 2016, p. 41)<sup>8</sup>.

Lily, ao não aceitar se submeter aos desejos masculinos e juntar seu poder para lutar contra as desigualdades entre os gêneros, sofre com a não-aceitação e julgamento. Nessa perspectiva, Stephanie Green (2017) salienta que:

Lily expressa o desejo de controle em termos políticos: ela rejeita o idealismo das ativistas sufragistas do final da era vitoriana que buscam igualdade com os homens, para reivindicar um tipo diferente de poder feminino, literalmente a criação de uma super raça de mulheres guerreiras empenhadas em destruir o homem [...]. Lily agarra o arbítrio e age decisivamente para mudar suas próprias circunstâncias e potencialmente as de outros (p. 05).

No ápice do poder como líder do seu exército de prostitutas, Lily no T03EP07 narra histórias sobre as mulheres irlandesas que cantavam lamentações para ajudar as suas almas a encontrar paz e que foram condenadas à forca pela Igreja. Logo após essa fala, ela ordena que elas provem a sua determinação e assume indiretamente o papel de uma “justiceira” que tenta punir todos os homens que foram ‘maus’ de alguma forma para com as mulheres, e para isso pede que as “suas mulheres” tragam a mão direita de cada um desses homens.

Nesse contexto, a personagem pode também se encaixar na definição de monstro, que na perspectiva de Julio Jeha (2007), está relacionado diretamente às normas sociais: “As fronteiras [sociais] existem para manter medida e ordem; qualquer transgressão desses limites

---

<sup>8</sup> Original: La new woman fue percibida por un sector de la sociedad de su época como una fuerza desestabilizadora del orden aceptado, sea por medio de la acción política, la redefinición del orden doméstico o las políticas del cuerpo; los discursos en torno a esta figura la consideraban como alguien desviado, casi como un monstruo, regurgitando así una larga tradición de construcciones de la otredad sobre la mujer.

causa desconforto e requer que retornemos o mundo ao estado que consideramos ser o certo. O monstro é um estratagema para rotular tudo que infringe esses limites culturais.” (p. 07). Assim, Lily pode ser inserida na concepção de monstruoso por causar desconforto nas pessoas com quem tem contato. Lily, nesse caso, não é associada a um monstro diretamente pela aparência já que visualmente ela é uma mulher atraente e sedutora. Sua monstruosidade se conecta às atitudes que não se enquadram nas fronteiras sociais.

Discutindo esse conceito, Mariana Sousa (2014) destaca a representação do feminino monstruoso no cinema, perspectiva que também se adequa ao nosso objeto de pesquisa, uma vez que “a ideia de monstruosidade surge como uma metáfora do desvio, do excesso comportamental das personagens, que é associado a esses corpos, separando-os da norma imposta pela ideologia interna/internalizada de suas tramas fílmicas” (p. 12), na qual “a ameaça que essas mulheres [monstruosas] personificam é direcionada à própria ordem da vida e da sociedade, suas instituições e pilares.” (p. 18). Reafirmando assim o papel de Lily como monstro pelo seu comportamento desviante.

Julia Kristeva (1982), em seu estudo *Powers of horror, an essay on abjection*, discorre sobre os termos abjeto e objeto. Abjeto é o “surgimento massivo e abrupto de uma estranheza que, mesmo que me tenha sido familiar numa vida opaca e olvidada, agora me acedia como radicalmente separada, repugnante” (p. 02). Por outro lado, o objeto se relaciona com aquilo que é desejável: “sendo o desejo sempre [desejo] de objetos” (p. 06). Assim, um corpo abjeto é aquele que não provoca desejo e sim repulsa. Kristeva (1982) destaca que:

[n]ão é, pois, a ausência de limpeza [...] ou de saúde que torna abjeto, mas aquilo que perturba uma identidade, um sistema, uma ordem. Aquilo que não respeita os limites, os lugares, as regras. O intermediário, o ambíguo, o misto. [...] A abjeção, em si, é imoral, tenebrosa, oscilante, suspeita: um terror que se dissimula, uma raiva que sorri, uma paixão por um corpo que lhe troca ao invés de lhe aquecer, um devedor que lhe vende, um amigo que lhe apunhala (p. 04).

Sendo assim, Lily está diretamente ligada ao corpo abjeto que provoca uma dicotomia de sentimentos das pessoas com quem a personagem convive. Em *Penny dreadful* temos um exemplo dessa questão quando Victor Frankenstein, mesmo não concordando com as ideologias dela, passa a sofrer por não conseguir adaptá-la e dissuadi-la a ter um relacionamento com ele e ao mesmo tempo é influenciado pelo amor que sente pela personagem, tendendo a satisfazer os pedidos dela até os últimos instantes do seriado. As considerações de Kristeva (1982) ressaltam essa ambiguidade com relação ao abjeto:

Fronteira sem dúvida, a abjeção é sobretudo ambiguidade. Porque, ao demarcar, ela não separa radicalmente o sujeito daquilo que o ameaça – pelo contrário, ela o reconhece em perigo perpétuo. Mas também porque a abjeção mesma é um misto de julgamento e afeto, de condenação e de efusão, de signos e de pulsões (1982, p. 09).

Nessa concepção, a autora Izabel Fontes (2018) também disserta sobre relações entre o corpo abjeto e o corpo monstruoso:

A ordem social se forma somente a partir da exclusão daquilo que não faz parte dele. Dessa maneira, o abjeto está à margem, mas sempre em tensão com o centro, subvertendo a hegemonia da ordem e expondo a sua fragilidade. A criação de um corpo-abjeto é a criação de um corpo monstruoso (p. 256).

A partir dessa afirmação é possível reforçar a percepção de que Lily apresenta-se como um feminino transgressor e monstruoso para o período vitoriano. Essas definições também podem ser observadas nos dias hodiernos, já que uma mulher que não almeja um casamento, não pretende ter filhos ou pretende focar em sua vida acadêmica, por exemplo, tendem a sofrer repressões e julgamentos externos por não se enquadrarem nos moldes pré-determinados do feminino.

### 3.2 “Feminismo” de Lily

Partindo para uma breve discussão sobre os movimentos políticos femininos observados no período em que se passa a narrativa, tomamos como base as reivindicações abordadas por Mary Wollstonecraft no século XVIII e as Sufragistas já no século XIX, que se aproximavam dos movimentos feministas conhecidos atualmente.

Mary Wollstonecraft (2017), em *Reivindicação dos direitos da mulher*, se destaca por ser uma das pioneiras a questionar as desigualdades de gênero e defender a mulher como um ser humano capaz de pensar ativamente e não ser apenas um objeto estético de satisfação para os homens, tornando-se referência quando abordamos as lutas femininas nos séculos XVIII e XIX. Mary Wollstonecraft defende que a mulher seja instruída e ensinada a pensar criticamente:

[...] as mulheres não podem ser confinadas à força aos afazeres domésticos; pois, por mais que sejam ignorantes, elas intervirão em assuntos mais importantes, negligenciando os deveres privados apenas para perturbar com truques astutos os planos ordenados da razão, que se elevam acima de seu entendimento. Além disso, enquanto elas forem preparadas somente para adquirir dotes pessoais, os homens procurarão o prazer na variedade, e maridos infiéis farão esposas infiéis; tais seres ignorantes, de fato, serão bastante desculpáveis quando, não tendo sido ensinados a

respeitar o bem público nem sendo considerados merecedores de quaisquer direitos civis, tentarem fazer justiça por si mesmos, mediante a retaliação (2017, p. 22).

Mesmo escrevendo esse manifesto no século XVIII, em que os direitos das mulheres eram ainda mais restritos, Mary Wollstonecraft rompe com qualquer medo de repressão e explora como as mulheres poderiam ter uma perspectiva além do casamento, incentivando-as a pensar criticamente e a não ter medo de se aventurar. No mesmo texto, a autora inglesa ainda salienta que:

O entendimento do sexo feminino tem sido tão distorcido por essa homenagem ilusória que as mulheres civilizadas de nosso século, com raras exceções, anseiam apenas inspirar amor, quando deveriam nutrir uma ambição mais nobre e exigir respeito por suas capacidades e virtudes (WOLLSTONECRAFT, 2017, p. 25).

A partir desses pontos de vista levantados por Wollstonecraft, podemos traçar relações com o comportamento de Lily, que não procura agradar os homens com quem se relaciona e mantém a sua prioridade no seu empreendimento com as mulheres. Lily tem consciência crítica da sua posição de subalternidade e exige o seu reconhecimento e mudanças diante dessa situação. Para isso, não se preocupa com o amor de um homem, mas sim com a sua ambição de conquistar a independência feminina.

Para compreender melhor a busca de igualdade de gêneros no século XIX, é preciso traçar algumas reflexões sobre o feminino na era vitoriana. Sobre esse período histórico, Christiane Lopes (1986) destaca que:

[...] na era vitoriana inicia-se um processo de individuação através do qual a mulher se dá conta de sua situação inferior em oposição ao homem, reconhece todos os seus sofrimentos como ser humano, admite suas contradições e revolta-se indo em busca de uma solução para seu problema existencial. Entra num mundo masculino e através da competição chega a assumir poderes e posições sociais que antes, sendo estritamente vedadas à sua suposta incapacidade, lhe eram negadas. Todavia, tais pequenas conquistas de condutas masculinas não a satisfazem pois percebe a necessidade de conquistar uma posição social como uma mulher inteira que encontra sua própria identidade dentro dela mesma. [...] A Mulher adquire fala própria, toma do homem a linguagem e a razão e as transfigura: elementos que antes eram atributos exclusivamente masculinos passam a ser integrados a emoção e ao desejo próprios do mundo feminino (p. 01).

Até este momento o termo feminismo ainda não tinha sido utilizado explicitamente, mas as mulheres já apresentavam consciência sobre a sua inferioridade e começavam a reivindicar os seus direitos. Francisco Pérez (2011) aborda essa descoberta feminina e o início das lutas feministas:

As últimas décadas do século [XIX] foram marcadas de forma geral por um debate mais aberto sobre a sexualidade, um debate em que a *new woman* desempenhou um papel importante. Essas mulheres eram consideradas mais próximas do monstruoso do que do decente, o feminino, o humano, o próprio de seu sexo. Elas estavam preocupadas com temas como educação, possibilidade de empregos, reforma do casamento, leis sobre divórcio ou sufrágio feminino. Mais alarmante, elas propuseram novos códigos de conduta e de ética sexual, exigindo acesso imediato a informações sobre doenças venéreas, contracepção e alegação de fim dos padrões duplos, promulgando os direitos à liberdade sexual dentro e fora do casamento. Tudo isso vai conjecturar com o surgimento do feminismo [...] (p. 777-778)<sup>9</sup>.

Pérez afirma que as mulheres que ousavam entrar nessas lutas de igualdade de gênero eram segregadas das demais mulheres e classificadas como ‘monstros’. Esta repressão está ligada à dominação masculina: “French (2007, p. 312) explica que, nos anos 60 e 70 do século XIX, ‘o feminismo apavorava os homens, que o representavam como um tipo de loucura, regressão a um estágio primitivo da existência humana’” (*apud* ELISA SEERIG, 2019, p. 27). Como solução para o medo masculino, eles optaram por distanciar essas mulheres do humano e do que seria socialmente aceitável.

No período vitoriano, um movimento social liderado por mulheres que preconizou o debate e lutas pela igualdade de gêneros foi o sufrágio feminino, que se caracterizava pela luta política, social e econômica pela pretensão ao direito das mulheres de votar e exercer sua cidadania:

A campanha sufragista britânica nasceu sensivelmente a partir da segunda metade do século XIX. O “Representation of the People Act” de 1832 teve como objetivo reorganizar o sistema eleitoral e conferir o direito de voto a um número mais alargado de cidadãos do sexo masculino, abrangendo sobretudo a burguesia. As mulheres nem sequer eram contempladas nesta reforma. Em 1867, por ocasião da segunda reforma eleitoral, John Stuart Mill e a sua mulher, Harriet Taylor Mill, avançaram com as suas propostas junto ao Parlamento na tentativa de alterar o texto da reforma para que este abrangesse o sexo feminino (CARVALHO, 2019, p. 43).

Dentre as diversas reivindicações, o sufrágio feminino foi um marco para as lutas femininas e envolvia demandas que iam além do direito ao voto:

[...] as sufragistas defenderam a igualdade de sexo, em consequência das injustiças existentes e das imposições que subjugavam as mulheres às regras do matrimónio, do divórcio e de moralidade vigente. Assim, ainda no século XIX, mulheres britânicas criaram associações, escreveram textos importantes e militaram a favor da causa, com

---

<sup>9</sup> Original: Las últimas décadas del siglo se vieron marcadas por lo general por un debate más abierto de la sexualidad, debate en el que la *new woman* desarrolló un papel importante. Estas mujeres eran consideradas más próximas a lo monstruoso que a lo decoroso, lo femenino, lo humano, lo propio de su sexo. Ellas estaban preocupadas por temas como la educación, el acceso a puestos de trabajo, la reforma del matrimonio, las leyes acerca del divorcio o el sufragio femenino. De manera más alarmante, proponían nuevos códigos de conducta y ética sexual, demandando el acceso inmediato a información acerca de las enfermedades venéreas, la anticoncepción, y reclamando el fin de la doble moral, promulgando los derechos a la libertad sexual dentro y fuera del matrimonio. Todo esto va a suponer la aparición del feminismo [...]

firmeza, frente aos políticos, com palavras de protesto, numa atitude combativa (CARVALHO, 2019, p. 44).

Nota-se ainda uma convergência entre as ideologias de Mary Wollstonecraft e das Sufragistas, na qual ambas “propostas defendiam o acesso ao conhecimento, que impreterivelmente capacitaria o sexo feminino para procurar oportunidades melhores ou iguais às dos homens” (CARVALHO, 2019, p. 42).

Este movimento social é apresentado no seriado *Penny dreadful*, no episódio T03EP03, em que Lily está sentada conversando com a sua recém aliada Justine quando são surpreendidas por um grupo de mulheres que estão reivindicando o sufrágio feminino. Nesse momento é possível perceber os pensamentos divergentes dela com relação ao modo com que as mulheres estão protestando:

[SUFRAGISTAS] Ergam-se pela igualdade! Ergam-se pelo direito ao voto!  
 [JUSTINE] Elas pensam como você, as sufragistas  
 [LILY] Não, nossos inimigos são os mesmos, mas elas procuram igualdade  
 [JUSTINE] E nós?  
 [LILY] Domínio. Elas são terrivelmente alvoroçadas. Toda essa marcha em público balançando cartazes, não é isso. Como você realiza alguma coisa nessa vida? Através da habilidade, do furto, do veneno, da garganta calmamente aberta no silêncio da noite, da cuidadosa e silenciosa acumulação de poder [...] (PENNY DREADFUL, 2016, T03EP03).

Nesse sentido, percebe-se que a segregação feminina sobre as políticas feministas acontece desde seu surgimento, na qual algumas mulheres não concordam com o movimento e acham desnecessário. Assim como Lily julga as sufragistas, que apesar de terem reivindicações semelhantes, as acusa de estarem lutando da “maneira errada”. Assim, Lily critica as próprias mulheres que também estão pleiteando os seus direitos, considerando-as como pessoas alvoroçadas e histéricas<sup>10</sup>. Lily, ao se referir as sufragistas como ‘alvoroçadas’, passa a ideia de que elas eram movidas pelos seus impulsos e que não tinham controle sobre seu corpo.

Acerca do comportamento de Lily, Elisa Seerig (2019) afirma que “a personagem da série é vanguarda de um mundo pós-gênero no sentido de libertar-se para acessar aos mesmos “privilégios” dos homens: é sexual e mentalmente emancipada, dona das próprias ideias e capaz de posicionar-se e arquitetar um plano de vingança” (p. 67).

<sup>10</sup> Na psicanálise, histeria é uma “neurose definida pela ação de recalcar inconscientemente os impulsos, sendo estes manifestados fisicamente pelo corpo”. A própria palavra histeria vem do termo grego “hystéra” que significa útero, antigamente acreditava-se que o útero era responsável pela histeria, ou seja, a histeria era considerada uma doença exclusivamente feminina. Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/histeria/>> Acesso em 26 de julho de 2021.

Logo, percebemos que Lily não se encaixa completamente nas reivindicações feministas por não buscar ter os mesmos direitos que os homens:

É nesse momento que Lily demonstra suas intenções em relação aos homens, de forma geral – e ter poder sobre os homens não era, nem nunca foi, um dos ideais dos movimentos feministas. É a partir dessa vontade de destruir os homens que ela se distancia dos ideais feministas de igualdade e ingressa na seara de “monstro” mesmo levando em conta os “valores” dos dias atuais (SEERIG, 2019, p. 71).

Ainda sobre a relação de Lily com o feminismo, Seerig (2019) ressalta que o fato de Lily ser mulher não insere necessariamente suas ações em um feminismo unificado e observa que o feminismo pode ter várias vertentes:

Ao longo da trajetória do feminismo, que conseguiu o reconhecimento de que gênero (bem como raça e classe social) é social e historicamente constituído, tem ficado cada vez mais evidente que existem diversas identidades entre as mulheres, [...] e, por isso, o fato de ser mulher não tem sido mais razão suficiente para uma união (p. 73).

Ao analisar o comportamento e o discurso de Lily Frankenstein, percebe-se que a personagem não se encaixa integralmente nas reivindicações políticas defendidas por Wollstonecraft em que a mulher deve exigir respeito por suas capacidades e virtudes, ou nas exigências das sufragistas que buscaram pacificamente participação política, mas é possível perceber reflexos dos movimentos emancipatórios dele.

As ideias de Lily convergem com o feminismo defendido por Wollstonecraft quando a personagem deixa de se submeter às vontades masculinas de Victor Frankenstein, de John Clare e de Dorian Gray, rompendo com o estereótipo ingênuo e inofensivo que ela apresentava após o seu renascimento. Ela transpassa a ideia de que a mulher deveria sempre agradar ao homem e utiliza da sua crítica e ironia para contestar a falta de liberdade, a necessidade de utilizar roupas desconfortáveis e a submissão feminina. Entretanto, Lily diverge desse feminismo por utilizar a sua influência com as mulheres subalternas para incentivar uma matança masculina e alcance do poder através do domínio feminino.

#### 4 TENTATIVAS DE SILENCIAMENTO E CONTROLE

Desde a sua criação, no primeiro episódio da segunda temporada (T02EP01), a relação entre Victor, John Clare e Lily é de posse. Victor toma para si o corpo de Brona Croft para transformá-lo e entregá-lo a John Clare, que também acredita ter influência sobre a vida de Lily. Após o seu renascimento, eles tentam convencê-la de que ela sofreu um acidente que foi responsável por sua perda de memória e a partir daí controlam as ações iniciais de Lily e planejam o seu futuro mesmo antes de revivê-la.

No seu primeiro contato com Lily, John Clare demonstra afeto e preocupação em ensiná-la poesia, que para ele é essencial para a vida. Clare inicialmente espera que Lily goste dele por vontade própria, mas aproveita o lapso de memória da personagem para idealizar uma história de amor entre os dois, em que no passado os dois eram felizes independentemente da sua aparência deformada. Entretanto, essa relação gentil entre os dois não continua no decorrer do seriado, pois quando Lily não corresponde aos desejos amorosos de John Clare, ele se revolta e tenta cobrar respostas dela.

A insatisfação de John Clare é evidenciada na T02EP04, quando ele exige respostas de Victor Frankenstein por ter permitido a Lily sair sozinha para se encontrar com Dorian Gray:

[JOHN CLARE] Onde está Lily?  
 [VICTOR] Ela não está aqui?  
 [JOHN CLARE] Você deixou ela sair sozinha com um homem. O que você fez? [...]  
 [VICTOR] Ela saiu, ela deveria vir para casa  
 [JOHN CLARE] **Você a fez para mim! Ela é minha, nem sua e nem dele. Ela é minha! Eu vou levá-la** (PENNY DREADFUL, 2015, T02EP08, grifo nosso).

Nesse momento John Clare apresenta um comportamento possessivo e acredita ter o direito de controlar o que Lily pode ou não fazer e, para ele, ela não tem a permissão de sair sozinha com outro homem. Este comportamento de Lily o irrita ainda mais porque ela saiu durante a noite e no amanhecer do dia seguinte ela ainda não tinha retornado.

Victor também apresenta comportamentos controladores para com Lily. Inicialmente Victor tem o objetivo de entregá-la para John Clare, que pretende torná-la sua companheira e se ver livre das ameaças que tem sofrido desse personagem. Porém, com o avanço da narrativa ele começa a se aproximar dela e fica responsável por sua aparência e por ensiná-la os padrões comportamentais femininos do período vitoriano. Sua primeira decisão por Lily está relacionada a mudar a cor do seu cabelo, decidindo deixá-la loira por escolha própria já que Lily mostra não ter preferência por algum tom específico de cabelo:

[LILY] Eu admirei mulheres com cabelos loiros?

[VICTOR] Eu admirei, elas sempre parecem gentis como os anjos (PENNY DREADFUL, 2015, T02EP02).

Victor continua tomando decisões por Lily e pede a ajuda de Vanessa Ives para escolher um vestido já que “[ela, Vanessa] sempre se veste com colarinhos [...] está sempre completamente vestida” (PENNY DREADFUL, 2015, T02EP04). Ou seja, Victor escolhe Vanessa por acreditar que ela se enquadra nos padrões de vestimenta vitoriano, que cobriam grande parte do corpo feminino, deixando apenas as mãos e o rosto visíveis; e em alguns casos apresentava decotes que realçavam os ombros e os seios. Posteriormente, Victor reforça a sua preocupação com a vestimenta de Lily quando Vanessa Ives sugere um vestido com um decote mais exposto que não o agrada. Por fim, Victor escolhe um vestido que reveste grande parte do corpo de Lily e que deixa visível apenas seu rosto e suas mãos.

No decorrer desse episódio, ao usar o vestido escolhido por Victor, Lily desabafa sobre o desconforto causado pelo espartilho e pelo sapato alto que machucavam o seu corpo:

[LILY] Eu não posso respirar

[VICTOR] É o espartilho

[LILY] [...] esses sapatos são terrivelmente altos

[VICTOR] Eu os escolhi por isso.

[LILY] Por quê?

[VICTOR] Eu gosto disso em uma mulher (PENNY DREADFUL, 2015, T02EP04).

Nesse diálogo podemos perceber que Victor escolhe as vestimentas de acordo com as suas vontades e desejos pessoais, assim como decide que Lily deve ter os cabelos loiros. Outro destaque nesta fala é como as mulheres eram reprimidas até no uso de suas roupas, sendo obrigadas a utilizar uma indumentária que dificultava a respiração e restringia os seus movimentos.

Continuando o diálogo, Lily então passa a contestar a obrigatoriedade da utilização dos espartilhos:

[LILY] Todas as mulheres usam espartilhos?

[VICTOR] A maioria que tem alguma classe

[LILY] [...] isto parece cruel, o osso está grudado na minha pele

[VICTOR] Eu acredito que você pode ajustar um pouco” (PENNY DREADFUL, 2015, T02EP04).

Podemos perceber novamente uma relação com os padrões sociais do século XIX na qual Victor, ao se deparar com os questionamentos de Lily, argumenta que suas indumentárias

são obrigatórias para as mulheres de classe, ou seja, as mulheres “ideais” do período. E mesmo quando Lily destaca o seu desconforto físico, ele tenta persuadi-la a apenas a se adaptar a vestimenta.

Inicialmente, a personagem perde a memória no momento da sua criação, o que faz com o que Victor e John Clare a tratem como uma criança que não tem controle sobre suas ações. Em consequência disso, Lily fica propícia a ser manipulada e enganada pelos homens com quem se relaciona. Realidade que é modificada a partir da continuação desse diálogo no qual Lily começa a externar questionamentos que sugerem que ela recuperou a sua memória e está rebelando-se aos poucos do controle patriarcal de Victor e da sociedade:

[LILY] Então mulheres vestem espartilhos para que elas não se esforcem? [...] Qual seria o perigo se elas o fizessem?

[VICTOR] Elas dominariam o mundo. A única maneira que nós homens evitamos isso é mantendo as mulheres em espartilhos na teoria e na prática. Eles foram feitos para lisonjear as mulheres.

[LILY] Aos olhos de um homem pelo menos. Tudo o que fazemos é para os homens, não é mesmo? Manter suas casas, criar suas crianças, lisonjeá-los com a nossa dor (PENNY DREADFUL, 2015, T02EP04).

Esta indagação de Lily reflete as formas da dominação masculina naquele período em que ela vivia, já que ela salienta a sua insatisfação com a distribuição social de classes que normaliza a mulher como uma pessoa subalterna e submissa a uma figura masculina e que realça a imagem de que a mulher é incapaz de realizar atividades fora do ambiente familiar. Logo, a mulher deve aceitar ser silenciada e ignorar as suas vontades e dores para agradar o seu esposo.

Esta concepção dialoga com as argumentações de Mary Wollstonecraft abordadas anteriormente, na qual as mulheres eram vistas apenas como um objeto de beleza e desejo masculino. Tal pensamento é reforçado pela fala de Victor, que consente que os homens detêm o controle sobre as mulheres e, para evitar qualquer tipo de rebelião, as colocam em situações que as restringem física e psicologicamente, tanto pela beleza através dos espartilhos quanto pela distribuição social que dita o que é certo e o que é errado.

No final de seu arco narrativo, Lily sofre outra tentativa de silenciamento, arquitetada agora pelos personagens Dorian Gray, Victor e do seu amigo cientista Dr. Jekyll. Ela é enganada por Dorian Gray, que está insatisfeito pelo rumo da revolução que Lily tem idealizado (e inicialmente realizado) e acredita que ela não seja mais tão interessante quanto era anteriormente; isto ocorre após ela conduzir as mulheres subalternas e deixar Dorian em segundo plano: “tínhamos o potencial do domínio real. [...] E o que você criou? Um exército de

prostitutas depravadas. Um navio de escravos rumo aos penhascos da costa” (PENNY DREADFUL, 2016, T03EP07), resultando no primeiro confronto entre esses dois personagens.

Devido à essa discussão, Dorian captura Lily e a entrega a Victor para que ele a use de cobaia para o seu novo experimento científico que, segundo ele, seria capaz de controlar impulsos violentos e para isso seria necessário injetar um líquido eletrizado no corpo da vítima. No diálogo a seguir, falado por Victor e Dr. Jekyll, percebemos as tentativas de silenciamento de Lily, ao tentar moldá-la aos padrões vitorianos do feminino. Para Victor e Dr. Jekyll, a mulher deveria ser “decente” e não apresentar pensamentos ou comportamentos desviantes:

[LILY] Você me acorrentou! [...] O que vão fazer comigo?

[DR. JEKYLL] Vamos deixá-la melhor.

[LILY] Melhor do que o quê?

[VICTOR] Ele quer dizer que vamos deixá-la bem, como era antes.

[LILY] Como era antes do quê?

[VICTOR] Antes, quando éramos felizes. [...] **Lily, vamos deixá-la saudável. Tirar sua raiva e dor e repor com algo muito melhor. [...] Calma, pose, serenidade. Vamos fazer de você uma mulher respeitável** (PENNY DREADFUL, 2016, T03EP07, grifo nosso).

Desta forma, Victor projeta em Lily os seus desejos de estabelecer um relacionamento amoroso, baseados na primeira impressão que ele tem da personagem, como sendo uma mulher silenciada e ingênua que considerava ele como um tutor para a sua vida. Entretanto, para Victor este relacionamento não é possível com o atual comportamento de Lily; então, para satisfazê-lo, ele a acorrenta e pretende apagar todas as suas memórias, ideologias e ações transgressoras para posteriormente reinseri-la na sociedade de acordo com as normas sociais do período: com serenidade, submissão e ingenuidade.

E apesar de estar vulnerável no momento em que se encontra presa e acorrentada, Lily não se curva diante da situação e utiliza as adversidades ao seu favor. Com seu discurso persuasivo, ela convence Victor a libertá-la após revelar-lhe fatos traumáticos sobre o seu passado como prostituta e desabafar que teve uma filha que morreu após Lily (no momento ainda era Brona) ter sido atingida violentamente no rosto por um de seus clientes e ter ficado desacordada. No dia seguinte, quando ela retornou para casa, a sua filha tinha morrido por causa do frio. Sendo assim, Lily pede para que Victor não a faça esquecer de sua filha e apela para os sentimentos dele.

Esse sistema de controle patriarcal sofrido por Lily dialoga com as reflexões de Pierre Bourdieu sobre a dominação masculina, na qual estamos condicionados a aceitar a classificação do homem como superior biológica e intelectualmente. No seriado, Victor, Dorian e John Clare

utilizam da sua posição social como homens como pretexto e justificativa para controlar o corpo e as ações de Lily.

Lily vai aos poucos rompendo com silenciamento que lhe é imposto e utiliza a sua habilidade de persuasão, bem como da sua sensualidade para convencer e conquistar aliados durante o seriado. Estas discussões são trabalhadas no próximo tópico.

#### **4.1 Lily e a transgressão**

Insatisfeita com o rebaixamento feminino e movida por um passado conturbado, Lily começa a sua vingança contra os homens e, junto com o seu “exército” de prostitutas, estimula uma revolução contra o patriarcado. Esta revolução utiliza a violência como ferramenta de dominação feminina através da morte dos homens e de quem representasse algum perigo para seus objetivos.

Como abordado anteriormente, Lily apresentava um comportamento ingênuo e dócil nos primeiros momentos de sua segunda vida. Somos introduzidos aos seus pensamentos transgressores em seu diálogo com Victor, quando ela destaca as abdições que as mulheres precisam fazer para agradar os homens. Lily inicia o rompimento de sua submissão quando assassina um homem em um bordel durante o sexo, passa a noite ao lado do corpo e conversa com ele sobre a futilidade masculina: “você é um garoto ingênuo, isso é o que eu gosto em você. Homens deveriam continuar sendo garotos em seus corações, preenchidos com jogos infantis [...] É muito triste que os homens achem que devem crescer” (PENNY DREADFUL, 2015, T02EP08).

A partir deste momento, a narrativa da personagem começa a se enquadrar no feminino monstruoso destacado por Julio Jeha (2007) e Mariana Sousa (2014) por causa do seu desvio das normas sociais femininas, separando-a das demais mulheres que não reivindicavam os seus direitos e aceitavam a submissão.

Percebemos o desenvolver da personalidade em uma conversa com John Clare, que tenta exigir satisfações com Lily sobre suas atitudes e é surpreendido pelo afastamento da imagem ingênua que ela transmitia para todos que a conheciam. No primeiro instante ela tenta manter a sua máscara social e tenta manipular John Clare para que ele se sinta culpado de estar sozinho com ela, sem a presença de Victor, já que isso não era considerado comportamento correto para uma mulher: “não é apropriado você estar aqui sem Victor, você deveria vir em outro momento” (PENNY DREADFUL, 2015, T02EP08).

John Clare passa a não mais acreditar no comportamento submisso de Lily e continua pressionando-a a contar a verdade. Ele retorna o diálogo para o passeio de Lily com Dorian Gray e a questiona sobre quem ela é de verdade, pois não acredita que ela ainda não tenha recuperado a sua memória. Nesse momento, John Clare trata Lily como sua posse e começa a intimidá-la: “Quem é você? [...] Você aproveitou a sua noite? [...] Com aquele jovem” (PENNY DREADFUL, 2015, T02EP08). Porém, diferentemente do seu comportamento inicial, ela exige o seu reconhecimento e ironiza os interesses amorosos de John Clare por ela:

“Eu te machuco? Sua criatura patética, como você pode imaginar que eu poderia cuidar de você? Este rosto pertence ao lado do seu? O mundo não sorri para nós? Não faríamos um lindo casal, você e eu? Devemos vagar pelos pastos e recitar sua porcaria de poesia para as vacas? Você é cego... assim como todos os outros homens” (PENNY DREADFUL, 2015, T02EP08).

John Clare reage negativamente à fala (acima) de Lily, declarando que “[ela] é diferente de todas as outras mulheres” (PENNY DREADFUL, 2015, T02EP08) e tenta agredi-la, mas é surpreendido pela sua força sobrenatural que o derruba no chão. Ele também é atordoado pelas revelações sobre todas as opressões que Lily já sofreu enquanto ainda era prostituta:

Diga-me como lisonjeamos nossos homens com a nossa dor. Curvamo-nos diante deles. Tornamo-nos bonecas para o deleite deles. Perdemos nossa dignidade em espartilhos, no salto alto, na fofoca e na escravidão do casamento! E nossa recompensa por esse serviço? As costas da mão, o rosto virado no travesseiro, a vagina dolorida e ensanguentada enquanto nos forçam em nossas camas a aguentar seus corpos gordos e arfantes! Vocês nos arrastam para os becos, e empinam nas nossas bocas por uma mixaria, isso quando não nos batem sem motivo ou quando não estamos com os olhos, a boca, a bunda e a vagina ensanguentadas. **Nunca mais vou me ajoelhar perante homem algum! Agora eles devem se ajoelhar a mim** (PENNY DREADFUL, 2015, T02EP08, grifo nosso).

Nesse instante, ela relembra de todo o seu passado como prostituta e toda violência e humilhação que teve que suportar para conseguir sobreviver; ela insere todas as mulheres que compartilharam da vivência autoritária masculina em seu discurso. Este diálogo revela a ideologia da superioridade feminina proposta por Lily, na qual todos os homens devem ser submissos a ela.

Ainda no decorrer desse diálogo, Lily articula com John Clare a possibilidade de se aproveitar da força sobre-humana que os dois têm para se vingar de Victor e, posteriormente, criarem uma raça de seres superiores que dominariam o mundo:

[LILY] Como o nosso criador foi esperto, mas o nosso “pequeno deus” não gerou anjos e sim demônios. Você e eu. O que devemos fazer com esse poder, criatura

morta-viva? [...] Me diga, por que existimos? Por que fomos escolhidos? Me diga. [...] É para sofrer?  
 [JOHN CLARE] Sim  
 [LILY] Deve ser?  
 [JOHN CLARE] Como poderia ser diferente? Nós desejamos o que não temos.  
 [LILY] Eu quero um homem diferente de todos os outros. Meu irmão, meu equivalente... Eu vou te levar através desta bela morta mão branca e vou guiá-lo para a minha cama. Sangrarei por você, amarei você por sua tristeza, sua poesia, sua paixão, sua raiva e sua infinita feiura luxuosa. Eu vou lambar seus pecados embora... E quando Victor voltar para casa nós colocaremos as nossas mãos em torno da sua garganta e assistiremos ele morrer, e assim esta será a nossa casa. [...] **Nós fomos criados para governar, meu amor. O sangue da humanidade irá regar o nosso jardim.** [...] **Nós somos o sangue puro** (PENNY DREADFUL, 2015, T02EP08, grifo nosso).

Assim, as duas criaturas, apesar de compartilharem o mesmo criador, apresentam pontos de vista divergentes sobre as suas ações diante a humanidade. John Clare demonstra ter aceitado o seu estado de renegado e não apresenta uma visão positiva para o seu futuro; já Lily demonstra estar insatisfeita com a sua posição atual e explora novas possibilidades de ascensão pessoal. Para ela isto é possível através da união de forças contra os seres humanos e a consequente dominação da sua “nova geração”.

Inicialmente, Lily procura em John Clare a projeção do homem diferente dos outros que ela almeja, mas logo percebe que ele não satisfaz os seus desejos e procura outro homem que compreenda seus desejos e o encontra no personagem Dorian Gray, que é imortal assim como ela e John Clare. Os dois apresentam-se durante o começo da narrativa como um casal com concepções similares e partem para recrutar mulheres que partilhem os mesmos desejos de Lily.

A primeira aliada de Lily é Justine, uma jovem que foi abusada durante toda sua vida. Numa cena do T03EP02, Lily e Dorian Gray assistem a um evento privado de tortura e veem Justine nua e sendo exposta a violência e sadismo para os homens que a observavam. Lily e Dorian resgatam-na após matar todos os envolvidos naquele evento de tortura, convencem-na a fazer parte da revolução e pedem que ela recrute novas mulheres.

Após conseguir juntar mais mulheres para compor seu ‘exército’, Lily conta sobre o seu passado e as estimula a se vingar dos homens, pedindo para que elas arranquem as mãos daqueles que as virem nas ruas e pedirem seus serviços. Este pedido remete à conversa anterior dela com John Clare na qual ela expõe o hábito masculino de bater nas mulheres sem motivo apenas para reforçar a sua superioridade.

Ao se dirigir diretamente às suas aliadas, Lily estimula “suas” mulheres a procurar justiça:

Minhas condenadas, lamentáveis mulheres, devemos ser imortais? [...] Nós devemos ser sangrentas ou nada mais! Agora vocês devem provar o seu compromisso com a

nossa causa, vão, todas vocês, ergam-se! Vão para as estradas escuras que vocês conhecem tão bem, aquelas vielas sujas e vias secretas e encontrem um homem ruim! Um homem infiel, um amante cruel, um déspota rico [...] Encontre-os e me tragam a sua mão direita [...] Provem-se para mim! (PENNY DREADFUL, 2016, T03EP07).

Nesta declaração, a personagem explicita o seu desejo violento e monstruoso contra os homens. Ela não quer ser aceita ou reconhecida por eles, ela anseia o estabelecimento das mulheres como força dominante e independente.

No decorrer do seriado, outra forma de poder utilizado pela personagem é a persuasão — muitas vezes aliada à sua sexualidade —, para sair de situações de perigo e para induzir as pessoas a concordarem com ela, especialmente com Victor com quem ela aproveita dos interesses amorosos dele para reverter situações ao seu favor.

No T02EP04, durante a sua conversa anteriormente detalhada com Victor sobre as vestimentas que ele escolheu e como as mulheres sofrem por causa delas, Lily o convence a deixá-la utilizar o vestido sem o uso do espartilho junto, invocando a compreensão dele para a sua inquietação:

[LILY] Este espartilho me lisonjeia?

[VICTOR] Sim.

[LILY] Você quer que eu o use?

[VICTOR] Eu não quero nada que lhe cause dor, não para lhe lisonjear ou por minha vaidade ou por nada nessa terra. Por favor, vá e tire isso, o vestido vai ficar bom sem ele.

[LILY] Obrigada, mas eu vou manter os sapatos se eu puder.

[VICTOR] Mas eu pensei que eles machucavam o seu pé.

[LILY] Sim, mas você gosta deles (PENNY DREADFUL, 2015, T02EP04).

Percebe-se que, após o discurso de Lily, Victor apresenta um comportamento diferente. Anteriormente ele apenas dava opção para resolver os incômodos causados pela vestimenta, mas agora ele apresenta uma afeição maior por Lily e “permite” que ela utilize o vestido sem o espartilho, já que tal peça é apenas um item estético. Posteriormente, para agradar a Victor, Lily pede para continuar com os sapatos mesmo machucando os seus pés. Nesse momento, o diálogo não explicita se ela fez isso apenas para satisfazê-lo ou se foi parte do seu processo persuasivo para convencê-lo.

Apesar de ter reivindicado a possibilidade de não usar o espartilho, ela continua utilizando durante a sua narrativa como um objeto de desejo sexual ao seu favor já que esta indumentária realça a cintura e os seios femininos. Os estudos de Bourdieu (2012) e Foucault (1988) dialogam sobre esse poder sexual que é utilizado por Lily. Para ambos os autores, a relação sexual está intrinsecamente ligada à dominação e ao poder — logo, quem domina o sexo está no controle. Outra relação com a personagem pode ser aplicada a partir das considerações

de Foucault (1988), que defende que a separação dos moldes tradicionais que classificam o sexo como proibido só é possível através da transgressão. Concepção praticada pela personagem durante toda a sua narrativa.

Outro momento de destaque para o discurso transgressor de Lily ocorre no T02EP08, quando Victor tenta exigir satisfações quando ela retorna para casa após ter saído para um encontro com Dorian Gray na noite anterior. Ele se mostra insatisfeito pela personagem ter ficado a noite toda fora de casa. Para contornar a inquietação do médico e cientista, Lily começa a contar sobre a noite e os motivos do seu atraso:

[VICTOR] Lily, onde você estava?

[LILY] Primeiro me dê um beijo de bom dia como um verdadeiro amigo e se acalme. Eu tive uma noite muito interessante com o senhor Gray, nós fomos a uma exposição de bonecos de cera, você já foi a um lugar assim? [...] Bem, depois disso eu quis caminhar um pouco e nem percebi o tempo passar... Quando vi eu estava tão cansada que me sentei em um banco na Hyde Park para descansar os meus pés... A próxima coisa que eu vi foi a manhã. Eu poderia ter sido assassinada durante a noite (PENNY DREADFUL, 2015, T02EP08).

Após insinuar a sua inocência para Victor e esconder que passou a noite em um bordel após assassinar um homem enforcando-o durante o sexo, Victor sente-se ameaçado pela presença masculina de Dorian Gray que pode ser um risco para o seu relacionamento com ela. Victor então sugere que eles se mudem de Londres, mas ela utiliza a sua manipulação para persuadi-lo novamente:

[VICTOR] Nós deveríamos sair daqui.

[LILY] Para onde?

[VICTOR] Não sei, sair de Londres, tirar férias.

[LILY] Absurdo, eu estou me acostumando com a cidade e **você ainda tem muita coisa para me ensinar, não é? Eu estou segura aqui com você, esta é a nossa casa** (PENNY DREADFUL, 2015, T02EP08, grifo nosso).

Nos dois diálogos entre Victor e Lily, a ênfase se dá na capacidade de Lily de se aproveitar da ingenuidade de Victor e seus interesses amorosos para que consiga manipulá-lo a aceitar a sua atitude supostamente proibida. Para isso, Lily tenta acalmá-lo e convencê-lo de que não existe nenhuma disputa entre ele e Dorian já que ela é protegida por Victor. Deste modo, Lily tem Victor exatamente onde deseja e não se preocupa mais em fazer as vontades dele.

Ao longo de sua narrativa, Lily relaciona-se com alguns homens. O primeiro foi Victor, com quem tem um breve relacionamento, depois com John Clare com quem tenta persuadir a ter pensamentos revolucionários iguais ao dela, mas não tem sucesso, e por fim com Dorian

Gray, que por ser imortal como ela e se mostrar disposto à novas descobertas mostra-se como um forte aliado masculino a sua revolução. Porém, percebemos que todos esses homens não estavam preparados para os pensamentos de Lily e, embora se apresentasse como uma mulher independente, durante a sua narrativa sempre procurou estar envolvida com uma figura masculina, sendo no final abandonada por todos estes homens.

Lily tenta se distanciar da sua condição social de subalternidade e tenta ser a figura responsável pela sua própria representação através de suas ações e das prostitutas que compactuam com seu objetivo. A personagem apresenta reivindicações importantes para o período e para a inserção da mulher como um ser ativo socialmente, mas os meios escolhidos por ela a tornam uma tirana por tentar impor à realidade a sua perspectiva de maneira autoritária.

## 4.2 Entre Lily e Lilith

Ao analisarmos o mito de Lilith, é possível encontrar algumas convergências com a representação da personagem Lily Frankenstein. Essas semelhanças vão desde o nome até o comportamento.

Inicialmente, vamos traçar algumas considerações sobre Lilith e sua origem. Ela é normalmente representada como um demônio sedutor que se aproveita dos homens que dormem sozinhos no escuro, fazendo com que eles tenham sonhos eróticos e orgasmos durante o sono.

Há várias versões sobre o surgimento do mito de Lilith. Vamos tomar como base o livro Zohar<sup>11</sup>, que inicia sua narrativa com a criação do sol e da lua que inicialmente compartilhavam do mesmo poder, mas que após um desentendimento amoroso entre os dois, Deus ordenou que a lua se tornasse menor e que tomasse conta da escuridão, enquanto o sol seria o responsável pelo dia e da luz.

Desta forma, a lua se sentia inferior e criou através dessa insatisfação uma casca, conhecida como Lilith, que então se transforma em uma mulher sedutora (feminina igualmente a lua) que se aproveita das pessoas na escuridão (assim como a lua era responsável por cuidar da noite).

Outra versão de sua origem está na Bíblia como destacado por Roberto Sicuteri (2007), que traz Lilith como a primeira esposa de Adão, na qual Adão é apresentado como um ser andrógino: “Adão trazia em si, fundidos, o princípio masculino e o princípio feminino e tais

---

<sup>11</sup> “O Zohar é uma obra cabalística do século XIII que, na essência, é uma meditação a respeito do Velho Testamento” (BARBARA KOLTUV, 2017, p. 16)

princípios só depois foram separados sucessivamente” (SICUTERI, 2007, p. 06). As duas metades seriam conhecidas como Adão e Lilith. O relacionamento dos dois distancia-se quando Lilith deseja estar por cima durante a relação sexual e Adão repudia:

[...] ela [Lilith] discordava dele [Adão] em muitos assuntos e recusava-se a deitar debaixo dele na relação sexual, fundamentando sua reivindicação de igualdade no fato de que ambos haviam sido criados da terra. Quando Lilith percebeu que Adão a subjugaria, proferiu o inefável nome de Deus e pôs-se a voar pelo mundo. [...] ali, envolveu-se numa desenfreada promiscuidade, unindo-se com demônios lascivos e gerando, diariamente, centenas de *Lilim* ou bebês demoníacos” (BARBARA KOLTUV, 2017, p. 40).

Em sua relação com Adão percebemos que Lilith, ao impor seu desejo sexual e sua posição de igualdade e por considerar que os dois têm os mesmos direitos, uma vez que ambos foram criados da terra, é rebaixada novamente e escolhe a sua liberdade através do mundo dos demônios.

Desta forma, percebe-se que Lilith e Lily são deslocadas para a posição de inferioridade de gênero pois ambas procuram se vingar dos homens. Lilith, através da sua forma demoníaca que se aproveita do desejo e da fraqueza humana, principalmente com relação aos desejos sexuais masculinos, e Lily por meio da sexualidade e persuasão que ela utiliza para satisfazer o seu desejo de matar todos os homens que foram opressores e violentos com ela e com as mulheres.

Este comportamento sedutor de Lily é explicitado no T02EP07, no qual ela usa sua sexualidade para se vingar dos humanos, matando um homem durante a relação sexual em um bordel. Isto ocorre também no T02EP09 quando ela domina Dorian Gray, ficando por cima dele (assim como Lilith tentou com Adão) em uma insinuação sexual e tenta asfixiá-lo com a mão (assim como fez com o homem no bordel). Com esta conduta, Lily reforça o seu poder para Dorian Gray e arranca-lhe um pedaço da orelha com os dentes, deixando-o extasiado de prazer.

Sendo assim, Lily e Lilith estão dispostas em uma relação patriarcal com seus companheiros, mas ambas não se submetem a tal tipo de exposição subalterna. Sobre a relação patriarcal entre Lilith e Adão, Barbara (2017) salienta que:

[a] tradicional forma patriarcal do matrimônio, preferida por Adão, na qual o homem sustenta as qualidades “masculinas” de atividade e domínio, enquanto a mulher sustenta as qualidades “femininas” da dependência e submissão, tem, como resultado, a opressão da mulher e seu encarceramento, impedindo-a de tornar-se ela mesma. Para crescer e se desenvolver psicologicamente, uma mulher precisa integrar as qualidades de liberdade, movimento e instintividade de Lilith. [...] Ela não deseja igualdade e uniformidade no sentido de identidade ou fusão, mas os mesmos direitos de se mover, mudar e ser ela própria (p. 44).

Logo, ambas reivindicam o seu direito de viver de acordo com seus desejos e não procuram agradecer os homens com quem se relacionam. Lilith e Lily tentam lutar contra o sistema patriarcal que tende a colocar a mulher como incapaz de tomar decisões por conta própria e rebaixam a sua posição social.

Outra semelhança entre as duas está relacionada aos seus nomes. Lily foi nomeada por Victor Frankenstein enquanto ela estava recém-renascida; ele explica que Lily significa “a flor da ressurreição e renascimento” (PENNY DREADFUL, 2015, T02EP02). Por este ângulo, existem duas relações de renascimento com Lilith, a primeira está relacionada com a sua origem de acordo com o Zohar:

No princípio, a lua quis fundir-se com o sol e nele se aquecer, como nos conta o mito do Zohar, mas deus ordenou-lhe que descesse, a fim de seguir as pegadas da humanidade, como uma sombra. Em consequência dessa diminuição, **a lua renasceu como Lilith, o flamejante espírito livre**. Depois disso, ela coabita com os homens à sua disposição. [...] ela faz com que o homem se levante, sobe em cima dele e cavalga-o, para o seu próprio prazer e poder (BARBARA KOLTUV, 2017, p. 45, grifo nosso).

Sendo assim, a lua renasceu como Lilith, assim como Brona Croft renasceu como Lily Frankenstein. As duas personagens são inferiorizadas e ambas ressurgem através do seu comportamento transgressor que almeja liberdade de expressão e elevação do poder feminino. A segunda relação está presente em uma crença que traz uma relação entre Lilith e Eva:

Crença popular inglesa segundo a qual os lírios se originaram das lágrimas de Eva que caíram ao chão quando ela deixou o jardim do éden. Os lírios simbolizam a pureza de Eva, mas o nome – lírio- é surpreendentemente parecido com o nome da primeira mulher pecadora – Lilith (BARBARA KOLTUV, 2017, p. 103).

A palavra lírio em inglês é *lily*, e assim observa-se outra relação entre Lily, Lilith e Eva, na qual temos uma dualidade de significados entre a relação ao termo *lírio*, que representa a pureza e inocência de Eva, mas que ao mesmo tempo se assemelha ao pecado e a sexualidade de Lilith/Lily através da semelhança do nome e do comportamento das duas. O lírio em sua simbologia representa “uma flor que simboliza a pureza, a brancura, a inocência e virgindade. Mas o lírio também possui uma simbologia completamente inversa. Se o lírio se presta a simbolizar a pureza celestial, também pode simbolizar a tentação das paixões e o erotismo<sup>12</sup>”. Sendo, nesse caso, Eva a “mulher ideal” por ser submissa, mas que está ligada através do lírio às mulheres transgressoras e independentes que são Lilith e Lily.

<sup>12</sup> Disponível em: < <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/lirio/>> Acesso em: 01 de junho de 2021

Por fim, observa-se que Lilith e Lily foram rebaixadas à escuridão além de terem sua representação feminina com uma conotação negativa já que trazem a ideia de destruição dos homens após recorrer à sua sexualidade para se aproveitar da “fraqueza” do homem. Sendo assim, a mulher é a portadora do pecado e do poder de persuasão enquanto os homens tornam-se vítimas dos seus desejos.

## 5 MISE-EN-SCÈNE E PRODUÇÃO DE SENTIDOS

Como o objeto de estudo dessa pesquisa se trata de um seriado televisivo, é importante ressaltar a relevância da *mise-en-scène* para a construção de significados da narrativa cinematográfica, levando em consideração fatores como a iluminação, figurino, cenário e os planos da câmera. A *mise-en-scène* também fornece novos sentidos e metáforas através da adição de detalhes que influenciam na construção narrativa do personagem.

David Bordwell e Kristin Thompson (2013) apontam que a *mise-en-scène*:

significa “pôr em cena” [...] Os estudiosos de cinema, estendendo o termo para direção cinematográfica, o utilizam para expressar o controle do diretor sobre o que aparece no quadro fílmico. [...] inclui aspectos do cinema que coincidem com a arte do teatro: cenário, iluminação, figurino e comportamento das personagens. No controle da *mise-en-scène*, o diretor encena o evento para a câmera (p. 205).

Logo, o diretor tem a liberdade de inserir os personagens em diferentes ângulos, iluminações e cenários de forma que ajudem na construção subjetiva da narrativa, inserindo detalhes que podem aumentar ou diminuir a complexidade de um personagem.

Partindo dessa ideia, analisaremos como os T02EP04, T02EP08 e T03EP07 apresentam cinematograficamente a personagem Lily Frankenstein e como podemos perceber algumas metáforas visuais<sup>13</sup> que dialogam com as suas ações.

Nos episódios destacados podemos perceber a utilização do *flashforward*, que consiste na antecipação de elementos da narrativa. Isto pode ocorrer de forma explícita ou implícita, sendo até possível que o telespectador não perceba a sua inserção na narrativa. João Batista Brito (1995) salienta que “este [...] fato estilístico nos informa sobre o futuro do enredo do filme, num momento que ainda não temos condição semiótica de conhecer o seu desenvolvimento ou desenlace” (p. 89), ressaltando ainda que *flashforward*:

parece muito mais efetivo quando não traz a marca da enunciação de um modo tão explícito. [...] Em outros cineastas, o recurso à informação antecipada geralmente ocorre de maneira mais sutil, em alguns casos tão mais sutil que sua ocorrência pode escapar ao espectador desatento (BRITO, 1995, p. 89 *apud* FERNANDES, 2020, p. 193).

---

<sup>13</sup> Marcel Martin (2005) define a metáfora no cinema como “uma montagem de duas imagens cuja confrontação deve produzir no espírito do espectador um choque psicológico com a finalidade de facilitar a percepção e a assimilação de uma ideia que o realizador quer exprimir” (p. 118)

Logo, a utilização do *flashforward* permite dar pistas do desenrolar da narrativa ou sugerir detalhes sobre um personagem específico.

Nos episódios selecionados ocorrem alguns momentos de antecipação da narrativa através de objetos dispostos no plano.

**Figura 1** – Victor esbarra em um manequim



Fonte: Composição a partir de *print screen de frames* da série *Penny dreadful*

A primeira ocorre no T02EP04 (figura 1), quando Victor vai escolher uma roupa para Lily e esbarra em um manequim que está usando um dos vestidos que será escolhido por ele para presentear-lá. Se analisarmos o vestido, podemos perceber que ele dialoga com as preocupações sociais de Victor expostas em sua conversa com Vanessa Ives enquanto procuram um vestido “adequado”. O vestido em questão é bastante composto, sem decote, com tons claros e que deixa visível o rosto e uma parte das mãos. Lily utiliza esse vestido pela primeira vez durante um diálogo com John Clare no T02EP05 enquanto ela ainda se encontrava na fase de ingenuidade e o utiliza novamente no T02EP07 quando revela sua verdadeira identidade e asfixia um homem em um bordel, reforçando a dualidade da personagem.

**Figura 2** – Lily visita a lápide de Sarah Croft



Fonte: Composição a partir de *print screen de frames* da série *Penny dreadful*

A outra antecipação acontece no T03EP07 (figura 2), quando Lily está em um cemitério e encontra uma mulher enterrando sua filha, a ambientação realça o espaço sombrio com tons escuros e uma atmosfera melancólica. Após o encontro, Lily deixa flores em uma lápide escrita “Sarah Croft, 1890-1891, filha amada<sup>14</sup>”; até este momento não havia nenhuma informação que sugerisse que Lily tivesse uma filha, mas através do foco da câmera nesta lápide podemos interpretar que a personagem teve uma filha enquanto ainda era a prostituta Brona Croft e que, de acordo com os anos expostos, morreu ainda criança. Essa interpretação é concretizada no T03EP08 quando ela desabafa com Victor que perdeu sua filha devido a uma agressão que sofreu trabalhando como prostituta.

Analisando a disposição das câmeras, os episódios utilizam essa ferramenta cinematográfica para dar uma ilusão de superioridade ou inferioridade dos personagens. Marcel Martin (2005) classifica esta disposição da câmera em plano contrapicado e plano picado; o primeiro é quando o “assunto é fotografado de baixo para cima [...] dá em geral uma impressão de superioridade, de exaltação e de triunfo, porque engrandece os indivíduos e tende a magnificá-los” (p. 51); já o segundo é aquele que a “filmagem [ocorre] de cima para baixo, tem tendência de tornar o indivíduo ainda mais pequeno, esmagando-o moralmente ao colocá-lo ao nível do solo” (p. 51).

**Figura 3** – Lily aguarda Victor ajustar o seu vestido



Fonte: Composição a partir de *print screen de frames* da série *Penny dreadful*

Estes ângulos de filmagem auxiliam na construção da personagem, ora revolucionária ora silenciada. Nos episódios T02EP04 e T02EP08 percebemos a ascensão de Lily e sua superioridade quando comparada a outras mulheres. Esta ascendência é realçada através da utilização do plano contrapicado em grande parte de sua apresentação durante a narrativa. No T02EP04 (figura 3), quando ela conversa com Victor sobre a superioridade masculina enquanto

<sup>14</sup> Original: “beloved daughter”

ele ajusta a barra do seu vestido, ela é disposta em um ângulo elevado, sugerindo que naquele momento ela é superior a ele tanto no discurso quanto na sua posição física e até intelectual.

**Figura 4** – Lily asfixia um homem durante o sexo



Fonte: Composição a partir de *print screen* de *frames* da série *Penny dreadful*

Isto ocorre novamente no T02EP07 (figura 4) que, apesar de não ser o foco da análise, apresenta uma cena que é concluída no T02EP08. Nesta cena, Lily se encontra com um homem em um bordel e, no momento da relação sexual, o plano traz Lily dominando a relação estando por cima do homem enquanto a câmera está em plano picado, mas o objetivo não é inferiorizar Lily e sim o homem que está embaixo dela. O homem retratado na cena, neste momento é insignificante para ela e é dominado, asfixiado e termina assassinado por culpa dos seus desejos sexuais.

Outro momento de utilização do plano contrapicado ocorre também no T02EP08, quando a personagem está conversando com John Clare sobre os seus ideais transgressores. Durante boa parte do diálogo Lily é destacada através da câmera que por meio do ângulo reforça a importância dela e do seu discurso, enquanto John Clare se torna insignificante quando comparado a ela.

Ainda no T02EP08 podemos inferir uma metáfora às ações desviantes de Lily. Após sair da cama em que estava o corpo do homem no bordel, Lily vai em direção a uma mesa com cartas de baralho empilhadas no quarto, ela então retira uma carta que desmorona as outras. Na continuação da narrativa da personagem quando retorna à casa de Victor, ela joga suas coisas em cima de uma mobília e vemos rapidamente a carta que foi retirada:

**Figura 5** – Lily retira uma carta empilhada



Fonte: Composição a partir de *print screen de frames* da série *Penny dreadful*

Baseando-se na apresentação da personagem do seriado e o rompimento de sua ingenuidade durante a cena em destaque, podemos estabelecer uma relação entre as cartas empilhadas e a distribuição social de gênero para o período vitoriano. Já que as cartas estão dispostas em uma organização da base até o topo, todas as cartas são importantes para que o sistema permaneça intacto.

Ironicamente, a carta escolhida por Lily é a rainha de copas<sup>15</sup>, fazendo uma relação novamente com o papel feminino na estrutura familiar no qual sem a mulher a sociedade tende a desmoronar assim como as cartas empilhadas.

Além disso, a personagem possui uma relação metafórica com espelhos e reflexos. No T02EP08, enquanto ainda está deitada ao lado do corpo no bordel, podemos vê-la aparentemente refletida em um espelho que projeta sua imagem desfocada, passando a ilusão de estarmos vendo duas Lily. Ela também é apresentada com várias imagens. Posteriormente no episódio quando conversa com John Clare e seu rosto é refletido em um espelho quebrado fazendo com que vejamos vários rostos:

**Figura 6 – As várias faces de Lily**



Fonte: Composição a partir de *print screen de frames* da série *Penny dreadful*

<sup>15</sup> O naipe de copas “representa a água, que simboliza o feminino, a receptividade, bem como a ligação entre o terreno e o divino” Disponível em: < <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/naipe/> > Acesso em: 14 de setembro de 2021

A relação de Lily com os diversos reflexos remete às várias faces da personagem, Lily apresenta suas faces a seu favor através da persuasão e da sexualidade, modelando a opinião das pessoas sobre ela. Neste caso, temos a utilização do *flashforward* para inserir as várias mulheres ou as personificações femininas que Lily apresenta no seu desenvolvimento no seriado, sendo eles a prostituta, a mãe, a mulher submissa e a *New Woman*. Sendo assim, o espelho reflete a verdade monstruosa sobre a personagem que não é explicitada no seu primeiro arco narrativo.

Retomando discussões sobre ângulos da câmera, no T03EP07 temos uma inversão na apresentação da personagem. A câmera agora está disposta em um plano picado ressaltando a inferioridade de Lily que está jogada no chão e acorrentada. Nesse momento os homens estão no controle da personagem, sensação que é reforçada através da utilização do plano contrapicado com foco em Victor, Dorian e Dr. Jekyll observando Lily no chão:

**Figura 7** – Lily é inferiorizada por Dr. Jekyll, Victor e Dorian



Fonte: Composição a partir de *print screen de frames* da série *Penny dreadful*

Nessa cena, Lily é rebaixada a um experimento e é julgada pelos homens que acreditam ter direito de escolha sobre a sua vida. Eles, nesse momento, decidem que ela deve passar por uma transformação para perder a sua independência e voltar a ser uma mulher “normal”. A continuação dessa cena acontece no T03EP08 quando Victor prepara um líquido energizado que pretende injetar em Lily para começar a transformação:

**Figura 8** – Victor segura uma seringa próxima ao seu órgão sexual



Fonte: Composição a partir de *print screen de frames* da série *Penny dreadful*

Na figura 8, percebemos em *close up*<sup>16</sup> o foco da câmera no órgão sexual de Victor e, simultaneamente, na seringa, que também remete ao formato fálico. Nesse momento Victor (e os homens) tem o poder de corrigir a postura subversiva de Lily e reforçam a dominação masculina sobre o feminino, tanto no destaque do órgão sexual masculino quanto na utilização da seringa para tentar silenciar Lily.

Por fim, existe uma mudança nas vestimentas de Lily no decorrer do seu arco narrativo. Na segunda temporada, quando ainda era influenciada pelas escolhas de Victor, ela utilizava vestidos escolhidos por ele que apresentavam cores suaves, sem decotes ou com decotes compostos, além de cobrir grande parte do seu corpo. Na terceira temporada, quando a personagem já é independente ela começa a utilizar vestidos escuros e extravagantes, com decotes provocantes. Este detalhe nos ajuda a compreender a passagem nas ideologias e ações da personagem ao longo da narrativa. Lily anteriormente não era livre para escolher e fazer o que desejasse, por isso suas vestimentas refletiam sua inocência e seu enquadramento nas normas vitorianas.

Nos três episódios analisados observa-se um padrão na apresentação de Lily, sendo ela apresentada com ângulos que realçam a sua ascendência, vestimentas que dialogam com a sua revolução e liberdade e suas diversas faces refletidas nos espelhos. Este padrão só é rompido no final da terceira temporada, quando a personagem é obrigada a se rebaixar novamente para os homens e a desistir da sua subversão.

---

<sup>16</sup> Acontece quando a câmera focaliza um assunto específico. David Bordwell e Kristin Thompson (2013) classificam essa disposição da câmera como primeiro plano que “mostra apenas cabeça, mãos, pés, ou um objeto pequeno. Ele enfatiza a expressão facial, os detalhes de um gesto ou um objeto significativo” (p. 309)

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise da personagem Lily Frankenstein foi possível perceber que o seu comportamento apresenta uma dispersão entre o certo e o errado na sociedade vitoriana em que se passa o seriado *Penny dreadful*. Lily é disposta em meio a superioridade masculina que dita o que deve ser feito e, por consequência, a insere em um contexto de violência, diferindo a personagem das outras mulheres do seriado através do que faz para deixar de ser abusada.

Em *Penny dreadful*, as mulheres tentam lidar com as limitações através de pequenas reivindicações diárias, como ocorre com Vanessa Ives que toma as decisões sobre a sua vida sem estar diretamente relacionada a um homem. Diferente de Lily, que, de forma extrema, propõe a morte contra os homens que de alguma forma tenham sido violentos.

Desta forma, John Logan, ao adicionar uma nova personagem à narrativa de Mary Shelley através da adaptação audiovisual, permitiu que o telespectador analisasse os medos e incertezas de Victor no romance que se concretizaram na personagem Lily Frankenstein. Logo, *Penny dreadful* reinsere a literatura no âmbito audiovisual e permite a existência de novas narrativas sobre uma obra literária já conhecida.

Sendo assim, as séries podem transpassar a sua ideia inicial de ser exclusivamente um meio de entretenimento e ressaltam a importância das narrativas audiovisuais como um meio de inquietações e inserção de reflexões sobre a sociedade. Assim como a relação entre a atualidade e as considerações de François Jost (2012) apontam que as séries televisivas podem reinserir temas atuais em suas narrativas com o objetivo de desenvolver criticamente os seus telespectadores.

Relacionando sobre o feminino que rompe com as normas sociais, podemos citar algumas séries que seguem esta linha de pensamento, como por exemplo, *Anne with an e* e *O conto da aia*, que trazem em seu enredo personagens femininas proativas que tentam combater a repressão, seja de forma mais implícita e ingênua como é o caso de *Anne with an e* ou com lutas violentas e carregadas de teor político em um regime totalitário que enxerga as mulheres como objetos de reprodução.

Com isso, este estudo mostra que as series televisivas são meios relevantes de pesquisa, assim como as adaptações audiovisuais também podem abordar temas pertinentes, como o feminino e a superioridade masculina, como foi percebido na personagem analisada que não se submeteu às vontades masculinas e buscou mudança através da subversão.

## REFERÊNCIAS

- BORDWELL, David.; THOMPSON, Kristin. O plano: *Mise-en-scène*. In: \_\_\_\_\_. **A arte do cinema: uma introdução**. Trad. Roberta Gregoli. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Editora da USP, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena. 11° ed. Rio de Janeiro, 2012.
- CARVALHO, Aline Machado. **Ecos do Movimento Sufragista Britânico na Imprensa Portuguesa (1903-1918)**. Dissertação de Mestrado em Línguas, Literaturas e Culturas. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2019.
- ECO, Umberto. A inovação do seriado. In: \_\_\_\_\_. **Sobre os espelhos e outros ensaios**. Trad. Beatriz Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- FERNANDES, Auricélio Soares. **Espelhos e retratos de Dorian Gray na série televisiva *Penny dreadful*: configurações do gótico na construção do personagem de Oscar Wilde e de John Logan**. Tese de doutorado. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.
- FOUCAULT, Michel. Nós, vitorianos. In: \_\_\_\_\_. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.
- FONTES, Izabel. **O HORROR VEM DE DENTRO: O ABJETO E O CORPO POLITICO EM TRÊS CONTOS DE MARIANA ENRIQUEZ. REVELL**. ISSN: 2179-4456. 2018 v.3, nº.20, dezembro de 2018.
- GAGLIARDI, Lucas. **EL ESPEJO DE PANDORA: IDENTIDAD Y MONSTRUOSIDAD EN PENNY DREADFUL**. Revista de Investigación sobre lo Fantástico. Vol. IV, n.º 1, 2016, p. 35-56, ISSN: 2014-7910.
- GREEN, Stephanie. **Lily Frankenstein: The Gothic New Woman in Penny Dreadful**. Griffith University. Junho de 2017. Disponível em: < [https://www.researchgate.net/publication/322632876 'Lily Frankenstein The Gothic New Woman in Penny Dreadful'](https://www.researchgate.net/publication/322632876_Lily_Frankenstein_The_Gothic_New_Woman_in_Penny_Dreadful)> Acesso em 10 de out. 2020.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- JEHA, Julio. **Monstros como metáfora do mal**. Universidade Federal do Mato Grosso, 2007.
- JOST, François. **Do que as séries americanas são sintoma?** Trad. Elisabeth B. Duarte e Vanessa Curvello. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- KRISTEVA, Julia. **PODERES DO HORROR ENSAIO SOBRE A ABJEÇÃO**. Traduzido por Allan Davy Santos Sena. Disponível em: [https://www.academia.edu/18298036/Poderes do Horror de Julia Kristeva Cap%C3%ADulo\\_1](https://www.academia.edu/18298036/Poderes_do_Horror_de_Julia_Kristeva_Cap%C3%ADulo_1) Acesso em 09 de maio de 2021.

KOLTUV, Barbara Black. **O livro de Lilith: o resgate do lado sombrio do feminino universal.** Tradução de Rubens Rusche. Coleção biblioteca psicologia e mito. 2º ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

LOPES, Christiane Maria. **A Mulher na Era Vitoriana: um Estudo da Identidade Feminina na Criação de Thomas Hardy.** Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1986.

MACHADO, Arlindo. A narrativa seriada. In: \_\_\_\_\_. **A televisão levada a sério.** 4. ed. São Paulo: Editora Senac, 2000.

MACHADO, Nicole Donato Pinto. **A sexualidade feminina em *Penny Dreadful*: rompendo com o padrão de mulher na era Vitoriana e no cinema.** INTERCOM Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. *INICIACOM Revista Brasileira de Iniciação Científica.* Vol. 7, Nº 1, 2018.

MARCEL, Martin. O papel criador da câmera. In: \_\_\_\_\_. **A linguagem cinematográfica.** Tradução de Lauro António e Maria Eduarda Colares. Dinalivro, 2005.

PÉREZ, Francisco Javier Sánchez- Verdejo. **TERROR Y PLACER: HACIA UNA (RE)CONSTRUCCIÓN CULTURAL DEL MITO DEL VAMPIRO Y SU PROYECCIÓN SOBRE LO FEMENINO EN LA LITERATURA ESCRITA EN LENGUA INGLESA.** Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha. Cuenca, 2011. ISBN: 978-84-8427-835-1

SALLES, Karina dos Santos. **Penny bloods: o horror urbano na ficção de massa vitoriana.** Dissertação de Mestrado em Estudos de Linguagem – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2015.

SCHMITT, Juliana. **Mortes vitorianas: corpos, luto e vestuário.** São Paulo: Alameda, 2010.

SEERIG, Elisa. **Perspectivas feministas em Lily Frankenstein, de Penny dreadful: desdobramento contemporâneo da obra de Mary Shelley.** Dissertação de mestrado, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2019.

SICUTERI, Roberto. **Lilith a lua negra.** Tradução de Norma Telles e J. Adolpho S. Gordo. Paz e terra: 2007.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa.** Universidade do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SOUSA, Mariana Ramos Vieira. **Feminino monstruoso: negociando um corpo abjeto.** Projeto experimental de conclusão de curso, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014. Disponível em: <http://www.rascunho.uff.br/ojs/index.php/rascunho/article/view/108/73> Acesso em 08 de maio de 2021.

SOUZA, Tatiana; SOUZA, Sueder. **O Anjo do Lar e Femme Fatale: A Representação da Mulher Vitoriana na Obra Carmilla, de Le Fanu.** ISSN: 1807 – 8214. *Revista Ártemis*, vol. XXV nº 1; jan-jun, 2018. pp. 130-147

SPIVAK, Gayatri Chakravorty, 1942. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos da mulher.** Edição comentada do clássico feminista. Boitempo Editorial. 18 de dezembro de 2017.

#### **REFERÊNCIAS TELEVISIVAS:**

PENNY DREADFUL. Criado por John Logan. Estados Unidos e Inglaterra: Showtime, 2014-2016. Série televisiva.